

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

VANESSA FOGAÇA PRATEANO

PAIXÃO ORGANIZADA  
LIVRO REPORTAGEM SOBRE O AMOR DE TORCEDORES ATLETICANOS E  
COXAS-BRANCAS POR SEUS TIMES

CURITIBA  
2010

VANESSA FOGAÇA PRATEANO

PAIXÃO ORGANIZADA  
LIVRO REPORTAGEM SOBRE O AMOR DE TROCEDORES ATLETICANOS E  
COXAS-BRANCAS POR SEUS TIMES

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo IV, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Professora Dra. Myrian Regina Del Vecchio de Lima

CURITIBA

2010

## RESUMO

O presente trabalho pretende traçar um histórico das torcidas organizadas de futebol no Brasil, relatando seu surgimento, características, organização e relação com a violência no futebol. Também visa a traçar um panorama sobre o jornalismo esportivo, de seu surgimento até os dias de hoje. Este trabalho serve como fundamentação teórica ao livro reportagem 'Paixão Organizada', sobre a maior torcida organizada dos dois maiores clubes do estado, Império Alviverde, do Coritiba Foot Ball Club e Os fanáticos, do Clube Atlético Paranaense.

**Palavras-chave:** Torcidas Organizadas de Futebol. Futebol. Livro Reportagem. Jornalismo Esportivo.

## ABSTRACT

This work aims to trace a history of organized soccer supporters in Brazil, describing their appearance, characteristics, organization and relation to violence in soccer. It also aims to give an overview about Sports Journalism, from its arising to the present day. This work serves as a theoretical grounding to the book-story 'Paixão Organizada', on the biggest organized soccer cheering of the two biggest clubs in the state, Império Alviverde, from Coritiba Foot Ball Club, and Os Fanáticos, from Clube Atlético Paranaense.

**Key-words:** Organized soccer fans. Soccer. Book-story. Sports Journalism.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela graça e privilégio da existência.

Aos meus pais, Edi Mara e Ismael, pelo amor, apoio, conselhos e exemplos.

Às minhas irmãs, Andressa e Larissa, pelo companheirismo e carinho.

À minha avó, Benedita, e às minhas tias, Elizabeth e Salete, pela dedicação, conselhos e estímulo.

Aos meus amigos, a minha segunda família, em especial, Aida, Renata e Raphael.

À minha orientadora, Dra. Myrian Del Vecchio, pelos ensinamentos, esclarecimentos e contribuições.

Aos meus professores, porque a maior dádiva, depois de poder aprender, é ter o dom de ensinar.

Às pessoas que aceitaram ser entrevistadas para a elaboração do livro reportagem e que colaboraram com a sugestão de bibliografia e fontes, especialmente, Julio César Sobota, Antônia Schwinden e Aírton Cordeiro.

A todos que colaboraram para a realização deste trabalho, de forma direta ou indireta.

Muito obrigada.

## SUMÁRIO

|       |   |    |
|-------|---|----|
| 1     | INTRODUÇÃO .....  | 1  |
| 1.1   | OBJETIVOS .....   | 3  |
| 1.1.1 | OBJETIVO GERAL .....                                    | 3  |
| 1.1.2 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....                             | 3  |
| 1.2   | JUSTIFICATIVA .....                                     | 4  |
| 1.3   | METODOLOGIA .....                                       | 9  |
| 1.3.1 | ROTEIRO DO REPORTAGEM .....                             | 14 |
| 2     | LIVRO REPORTAGEM .....                                  | 16 |
| 2.1   | O JORNALISMO LITERÁRIO E A GRANDE REPORTAGEM.....       | 20 |
| 2.2   | A GRANDE REPORTAGEM E O JORNALISMO LITERÁRIO HOJE ..... | 26 |
| 3     | JORNALISMO ESPORTIVO .....                              | 29 |
| 3.1   | O JORNALISMO ESPORTIVO ATUAL E SEUS DILEMAS .....       | 35 |
| 4     | TORCEDORES ORGANIZADOS – OS <i>HOOLIGANS</i> .....      | 38 |
| 4.1   | UMA DIFERENCIAÇÃO .....                                 | 41 |
| 4.2   | TORCIDAS ORGANIZADAS NO BRASIL– AS PIONEIRAS .....      | 41 |
| 4.3   | HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....                       | 45 |
| 4.4   | A VIOLÊNCIA X A PAIXÃO .....                            | 49 |
| 4.5   | AS TORCIDAS ORGANIZADAS DE CURITIBA .....               | 56 |
| 4.5.1 | TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS - TOF.....              | 56 |
| 4.5.2 | TORCIDA ORGANIZADA IMPÉRIO ALVIVERDE - IAV .....        | 58 |
| 5     | AS MULHERES E O FUTEBOL .....                           | 61 |
| 5.1   | A MULHER COMO ATLETA .....                              | 61 |
| 5.2   | A MULHER TORCEDORA.....                                 | 62 |
| 6     | CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                              | 69 |
|       | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                         | 72 |

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é um tema apaixonante. Escrever sobre esse esporte é poder discorrer sobre temas tão diversos quanto economia (passe de jogadores se valoriza com a alta do dólar), cultura (a relação das torcidas organizadas com o carnaval), saúde (exercícios e dietas que aumentam o desempenho do jogador e diminuem lesões) e tecnologia (câmeras mais potentes ajudam árbitro e bandeirinhas a apitar com mais precisão). O futebol é um tema ao mesmo tempo leve e complexo, que permite, como poucos assuntos dentro do Jornalismo, a oportunidade de brincar com as palavras, opinar, teorizar e polemizar – foi através dele, inclusive, que o Jornalismo descobriu alguns de seus mais brilhantes profissionais, como Nelson Rodrigues, Mário Filho e Armando Nogueira, para ficar em alguns poucos exemplos.

Além disso, o futebol é assunto de interesse e paixão de bilhões de pessoas pelo mundo, e milhões no Brasil. É a mais genuína expressão, segundo o antropólogo Roberto DaMatta<sup>1</sup>, da nacionalidade brasileira: no futebol, o povo brasileiro sente-se personalizado, como se assumisse uma identidade, criasse um sentido e compartilhasse uma história a partir do momento mágico em que descobre o esporte. O futebol, mais do que uma ideologia, é o que une os brasileiros, segundo a concepção de DaMatta. E de onde vem esse fascínio? Talvez, do imponderável, da noção de democracia e pluralidade que une ricos e pobres, negros e brancos, perdedores e vencedores, da beleza resultante dos malabarismos feitos com um órgão 'inferior' como o pé.

Nesse universo tão rico, há espaço para todos: jogadores, as maiores estrelas, técnicos, sempre tão criticados, juízes e bandeirinhas, cujas mães são constantemente ofendidas, empresários, e suas ações que podem manipular ou beneficiar seus clientes, dirigentes, os principais vilões, patrocinadores, que podem salvar um time ou apenas explorá-lo, e... claro, os torcedores.

Nenhum time sobrevive sem sua torcida. É ela que apóia, que dá graça, que colore as arquibancadas, que ajuda a sustentar o plantel. E é ela que dá bronca, cobra, xinga, faz barulho e, infelizmente, também ofende, bate, persegue. Com seus arroubos de paixão ou de ódio, entretanto, ninguém consegue ser indiferente a ela.

---

<sup>1</sup> DAMATTA, 1982, p.27.

Ainda mais quando ela se organiza e se estrutura como uma empresa, faz do torcer algo profissional e vira a razão de ser e o sustento de alguém, além de objeto de preocupação e repulsa de uma cidade, manchetes negativas de vários jornais dentro e fora do país e desprezo e medo por parte de jogadores e clubes.

Espalhadas por todos os estados da federação, as torcidas organizadas do Brasil são há muito tempo objeto de curiosidade, atração, discussão e polêmica no mundo do futebol. Dentro e fora do Brasil, sua impopularidade chegou a níveis inacreditáveis: na Inglaterra, a mais temida e desaprovada delas, a do Manchester United, chegou a ser banida do estádio pela própria diretoria do clube, em 1985. No Brasil, a torcida Império Alviverde (IAV), do Coritiba Foot Ball Club, vive situação semelhante: seus membros estão proibidos de entrar no estádio Couto Pereira caracterizados como torcedores organizados, após o vice-presidente e alguns sócios da IAV terem invadido o campo, quebrado cadeiras e agredido jogadores quando do rebaixamento do Coxa para a Série B do Campeonato Brasileiro, em seis de dezembro de 2009.

No Brasil, mesmo com menores proporções e sem a presença da xenofobia, do neofascismo e da homofobia característicos dos *hooligans* ingleses, as torcidas organizadas também provocam temor na população. Brigas entre torcedores organizados rivais já mataram 42 pessoas desde 1999<sup>2</sup>, e já custaram milhões aos cofres públicos das cidades brasileiras por conta do vandalismo. Atualmente, elas demonstram estar lutando pela paz nos estádios, através de maior cooperação com a polícia e palestras e campanhas que visam a unir as torcidas em torno das boas ações, mas os esforços são ocasionalmente ofuscados por episódios como aquele protagonizado pela torcida coxa-branca em dezembro de 2009.

Hoje, existem 467 torcidas organizadas cadastradas no site [www.organizadasbrasil.com](http://www.organizadasbrasil.com), que pretende ser um portal com notícias, discussões e informações sobre as torcidas organizadas brasileiras. Ali é possível ver a riqueza e o lado curioso desses grupos: há torcidas femininas, integradas apenas por maiores de 65 anos, torcidas de adolescentes e até aquelas que representam seu time no exterior, em países como Japão, EUA e Inglaterra. No Paraná, elas são 27, e, entre

---

<sup>2</sup> Os dados foram compilados pelo sociólogo e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro Maurício Murad, estudioso da relação entre violência e futebol. O estudo compilou os dados a partir de matérias publicadas pelos principais jornais de cada região do país. Fonte: [http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI83183-15228\\_00.html](http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI83183-15228_00.html)

essas 27, este Trabalho de Conclusão de Curso escolheu contar um pouco da história de duas: a da Império Alviverde, maior torcida organizada do Coritiba Foot Ball Club; e a história da Os Fanáticos, a maior do Clube Atlético Paranaense. O objetivo é conhecer melhor o que está por trás dos cânticos, dos bandeirões, do espetáculo e da paixão, às vezes irracional, por uma camisa.

Entender o motivo de tanta dedicação e fanatismo, descrever a rotina nas sedes, discutir o problema da violência, traçar um pequeno perfil desses torcedores e relatar curiosidades, episódios e como pensam esses torcedores: eis o objetivo deste trabalho, que deve ser visto como uma tentativa de contribuir, mesmo que de forma modesta e dentro do que permite um Trabalho de Conclusão de Curso, para a discussão e o entendimento desse assunto que, embora polêmico, é produtivo e, em muitos sentidos, fascinante e enriquecedor.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 OBJETIVO GERAL**

Produzir material jornalístico - sob o suporte de livro reportagem, valendo-se, em termos de linguagem e estilo, do Jornalismo Literário e da grande reportagem - com o propósito de conhecer e retratar melhor o ambiente, os bastidores, a organização e a opinião de membros da maior torcida organizada dos dois maiores clubes do Paraná, Coritiba Foot Ball Club e Clube Atlético Paranaense. São elas, respectivamente, a Torcida Organizada Império Alviverde e a Torcida Organizada Os Fanáticos.

### **1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Elaborar um retrato mais aprofundado a respeito dos membros das torcidas organizadas; mostrar quem são eles, o que os motiva a fazer parte desse agrupamento, o que pensam a respeito da associação torcida-violência e como recebem a opinião que a sociedade possui a respeito de suas ações.

- Retratar os trabalhos realizados pelas torcidas, como as obras sociais; a preparação de um torcedor para um dia de jogo; os bastidores da relação entre time, jogadores e torcida.

- Ouvir a opinião de quem estuda ou acompanha o tema, como jornalistas esportivos, sociólogos, psicólogos, polícia e funcionários dos clubes.

- Descrever a tensa relação entre torcedores e jornalistas, as críticas de ambos os lados, o que pensam os estudiosos e apontar uma possível solução para tal dilema.

- Retratar o universo feminino dentro das torcidas organizadas, o preconceito e a proteção de que as mulheres são objeto dentro do agrupamento, o interesse por futebol e a reação dos demais torcedores à presença delas no estádio.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

No 'país do futebol', o tema 'torcidas organizadas' é um dos assuntos mais controvertidos quando se trata de tal esporte, que certamente não é carente de polêmicas. Basta uma passada de olhos nos jornais para ler matérias que discorrem da fraude de resultados e endividamentos dos clubes pelos cartolas aos ganhos estratosféricos de jogadores e técnicos e às relações sempre instáveis entre torcedores, clubes e jogadores.

Entre as pessoas que gostam de futebol no mundo inteiro – e são milhões, talvez até bilhões – a maioria recrimina e desaprova a ação desses grupos<sup>3</sup>. Provavelmente, apenas aqueles que se dispõem a realizar todo esse esforço/essa loucura – ou seja, os próprios torcedores organizados – conseguem compreender ou dar razão de ser às torcidas organizadas.

Na opinião dos críticos, motivos para recriminar e desaprovar o comportamento desses torcedores não faltam: antes apoiadores incondicionais de seus times, muitos passaram a desvirtuar a função e a razão de ser das torcidas;

---

<sup>3</sup> Uma pesquisa realizada pela TNS Sports, especializada no ramo esportivo, revelou que, entre as pessoas que não freqüentam os estádios, 61,7% não o fazem devido ao medo das torcidas organizadas. Para 86%, as torcidas organizadas são as principais responsáveis pela violência que atinge hoje o futebol, à frente da segurança pública, com 7%. Fonte: <http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2009/12/14/torcidas-organizadas-espantam-publico-diz-pesquisa-915195531.asp>

adotaram a violência pura e simples contra torcedores rivais como passatempo antes, durante e após os jogos, ofuscando o espetáculo, destruindo o patrimônio público e privado, tirando a concentração de jogadores e até ofendendo fisicamente técnicos e dirigentes. Num ambiente tenso como esse, comparecer ao estádio passou a ser considerada atitude de coragem e até de insanidade, principalmente em clássicos, o que afastou muitas pessoas das arquibancadas e gerou revolta por parte da população.

Os jogos de futebol, antes considerados programas para se fazer com a família - no início da popularização do futebol, nos anos de 1910, moças e rapazes compareciam com suas melhores roupas aos estádios, com fitas no cabelo e nos chapéus com as cores de seu time como forma de prestigiar o evento -, hoje são palco de verdadeiras guerras entre torcidas rivais ou até entre torcedores de um mesmo time. Dilapidação de estádios e demais locais coletivos, vários mortos e feridos, multas gigantescas impostas aos clubes como punição e uma cultura de violência gratuita são o saldo desse desvirtuamento.

Mas há de se levar em conta, também, os aspectos positivos, geralmente esquecidos ou ignorados pela imprensa e freqüentemente apontados pelos torcedores: o trabalho social realizado por esses grupos, que arrecada alimentos, promove cursos de capacitação profissional e oferece aulas de línguas e informática a crianças e adolescentes carentes; o apoio dado ao time em momentos críticos, como no rebaixamento ou nos clássicos de 'vida ou morte'; a beleza das coreografias e dos cantos que, quando não incitam à violência, dão mais cor e dinamismo às partidas; e os projetos culturais, como as escolas de samba e blocos carnavalescos, entre outros. Impossível negar, entretanto, que quando as torcidas são o assunto em pauta, a primeira imagem que vem à cabeça de quem acompanha o futebol é a de briga e confronto.

Justamente por ser um tema controverso, e que nunca perde a sua atualidade, as torcidas organizadas estão sempre presentes na imprensa. Confrontos recentes envolvendo torcedores do Palmeiras, Corinthians, São Paulo e Santos no Campeonato Paulista de 2009, a morte de um torcedor do Cruzeiro em Minas Gerais por torcedores do Atlético Mineiro no mesmo ano, a condenação de um palmeirense pela morte de um são-paulino ocorrida em 1995 na chamada 'Batalha Campal do Pacaembu' e a invasão de campo promovida por alguns

torcedores do Coritiba Foot Ball Club, entre eles membros da Império Alviverde, em dezembro de 2009, viraram destaque nos jornais.

A aprovação e iminente implantação do projeto Torcida Legal, do governo federal – que determina o cadastro de torcedores no ato da compra do ingresso como forma de acabar com o anonimato e assim diminuir a impunidade –, demonstra a preocupação das autoridades com a violência no futebol a quatro anos da Copa do Mundo de Futebol no Brasil. Punições mais graves para os torcedores-vândalos também estão na pauta do Congresso, com a reformulação do Estatuto do Torcedor, onde se prevêem como crimes as brigas em estádio, a manipulação de resultados e a ação de cambistas. Nesse sentido, falar de um tema polêmico, atual, com implicações sociais e políticas já daria um sentido jornalístico a esse trabalho.

Além disso, o futebol é um espetáculo em si, e leitores, ouvintes e telespectadores não lhe faltam. Esse esporte movimenta bilhões<sup>4</sup>, gera empregos e pode até acabar ou por trégua a conflitos civis – caso da Costa do Marfim, onde a população colocou um hiato na guerra civil que assolava o país para comemorar o feito inédito da seleção marfinense: a classificação para a Copa do Mundo de 2006<sup>5</sup>. Em 2007, por intermédio do futebol, as forças inimigas puseram fim ao conflito que já durava cinco anos.

Jornalisticamente falando, o futebol pode ser assunto para muitas pautas. Embora a cobertura esportiva venha sendo alvo de críticas por parte de dirigentes, técnicos, torcedores e demais fãs do esporte - seja pelas relações obscuras de alguns jornalistas com clubes, patrocinadores e empresários do ramo; pela falta de

---

<sup>4</sup> De acordo com estudo divulgado pelo Ministério dos Esportes em maio de 2010, no Encontro Técnico de Segurança para a Copa do Mundo de 2014, em Brasília, o evento trará lucro de R\$ 183 bilhões para a economia brasileira até 2024. Fonte: <http://portalexame.abril.com.br/economia/noticias/copa-brasil-vai-gerar-r-183-bi-economia-558079.html>. Já um estudo do banco holandês ABN-Amro analisou a economia dos países que ganharam o Mundial e constatou que, no ano da conquista, o Produto Interno Bruto do país cresce 0,7 ponto percentual a mais do que no ano anterior. Fonte: [http://veja.abril.com.br/050406/pl\\_082.html](http://veja.abril.com.br/050406/pl_082.html)

<sup>5</sup> Em 2006, o norte, tomado por guerrilheiros de origem islâmica, e o sul, sede das tropas oficiais do governo, de origem cristã, resolveram se unir em prol dos Elefantes, como a seleção do país é carinhosamente chamada. Em 2007, o astro da seleção, Didier Drogba, que joga no Chelsea, da Inglaterra, exigiu que um jogo contra Madagascar, válido para a qualificação para a Taça das Nações Africanas, fosse realizado em Bouaké, a capital das forças rebeldes. O presidente e o líder dos guerrilheiros sentaram lado a lado na arquibancada, e, pouco depois, o segundo tornou-se primeiro ministro do país. A Costa do Marfim ganhou de 5 a 0. Fonte: <http://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/04/28/quando-drogba-abacou-com-a-guerra-civil-na-costa-do-marfim.jhtm>

criatividade e imparcialidade nas matérias; pela ausência de temas interessantes ou simplesmente pela falta de refinamento e talento de seus jornalistas –, o futebol pode ser fonte de muitas reportagens – de fôlego, diga-se.

Segundo o jornalista Paulo Vinicius COELHO, em seu livro *Jornalismo Esportivo*,

Este tipo de cobertura [*a cobertura da área esportiva*] sempre misturou emoção e realidade em proporções muitas vezes equivalentes. É possível fazer uma brilhante matéria de economia falando de futebol. A crise do Flamengo, incapaz de saldar dívidas e de manter seu orçamento no azul há mais de dez anos, pode render peça jornalística primorosa e repleta de realidade sobre a administração dos clubes do país. A maneira como os campeonatos são organizados, sempre levando em conta algum acordo político entre um dirigente da CBF [*Confederação Brasileira de Futebol*] e outro de alguma minúscula federação estadual, poderia valer o prêmio Esso de cobertura política, em matéria também repleta de realidade (...). (2003, p. 23).

Ao partir do mesmo raciocínio do jornalista, as torcidas organizadas são um dos temas mais interessantes – e importantes - de se destacar nesse universo particular que é o mundo do futebol. O desafio de ouvir e descrever esses grupos se faz necessário uma vez que matérias sobre as torcidas costumam destacar apenas a sua relação com a violência, deixando de lado vários outros aspectos já descritos anteriormente.

Veza ou outra, os tumultos gerados pelas torcidas, o fanatismo e o fenômeno recente da criação de alas femininas aparecem na mídia, mas o interesse pelo conflito, em detrimento de outros enfoques, e a impossibilidade de um jornal diário ou mesmo de uma revista de dar conta de toda a complexidade que envolve o tema, exigem que novas frentes sejam exploradas: por que as pessoas escolhem torcer por um time e não por outro? Por que apelam para tanta violência? Como é pertencer a uma organizada? O ambiente é mesmo tão violento? Como é a preparação para os dias de jogos? É nesse momento que entra em cena o livro-reportagem, suporte escolhido para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, que pode ajudar o jornalista e seus leitores a entender essa realidade complexa, oferecendo a um e outros subsídios que um jornal ou revista não podem proporcionar: maior liberdade no tempo e na forma de apuração, assim como nas escolhas das fontes e na linguagem utilizadas.

Outra questão importante é a afinidade com o assunto. O jornalismo esportivo é uma área na qual a autora deste trabalho gostaria de atuar profissionalmente, não apenas pelo fato de gostar do futebol em si, mas por acreditar que ele é fonte de muitas pautas, pelos motivos já expostos acima.

As poucas monografias e produtos jornalísticos relacionados ao esporte, em especial ao futebol, no Departamento de Comunicação (Decom) da UFPR, com, no máximo, uma dezena de trabalhos publicados sobre o assunto, além da ausência de projetos que retratem o esporte do ponto de vista do torcedor, é outra motivação para a elaboração deste livro reportagem, aliado ao fato de que é de grande interesse das Ciências da Comunicação estudar um tema como as torcidas organizadas, produto autêntico da sociedade de massa na qual estamos inseridos.

Em relação à escolha pelas duas torcidas em questão, o principal motivo foi justamente o fato de serem as duas as maiores torcidas de Curitiba (PR)<sup>6</sup>, e de estarem entre as 23 maiores torcidas do Brasil. A dupla de times é chamada carinhosamente pela imprensa e pela população paranaenses de Atletiba, e o jogo entre as duas equipes é considerado o maior clássico do futebol do estado.

O Coritiba, que em 2009 completou seu centenário, jogou pela primeira vez com o Atlético Paranaense – que em 2010 comemora 86 anos – em 20 de abril de 1924, e perdeu para o Furacão (apelido do Atlético Paranaense) pelo placar de 2 a 0. Essa partida, porém, não é oficialmente reconhecida, pois o jogo durou apenas 30 minutos, e não os 90 habituais. A partida oficial, de 90 minutos, disputada pelo Campeonato Paranaense, ocorreu em 8 de junho do mesmo ano, e foi vencida pelo Coxa (apelido do Coritiba) pelo placar de 6 a 3<sup>7</sup>.

Por uma questão de recorte, o trabalho resolveu focar no maior clássico, na maior rivalidade futebolística do Paraná e nas duas maiores torcidas da capital, e deixar de fora os outros dois times paranaenses, Paraná Clube e Corinthians

---

<sup>6</sup> Pesquisa realizada pelo instituto Data Folha, em abril de 2010, mostrou que o Coritiba possui a maior torcida da capital, com projeção de 380 mil torcedores, seguido do Atlético-PR, com 370 mil torcedores. O Paraná Clube não foi citado na pesquisa, que apontou as 23 maiores torcidas do Brasil. A primeira é o Flamengo, com 22,6 milhões de fãs. A última é o Furacão. O Coritiba ficou em penúltimo lugar. Fonte: [http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1580389-9825\\_00-PESQUISA+APONTA+EMPATE+TECNICO+ENTRE+AS+TORCIDAS+DE+FLAMENGO+E+CORINTHIANS.00.html](http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1580389-9825_00-PESQUISA+APONTA+EMPATE+TECNICO+ENTRE+AS+TORCIDAS+DE+FLAMENGO+E+CORINTHIANS.00.html)

<sup>7</sup> Fonte: A origem e os momentos mais marcantes do clássico Atletiba, in: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/conteudo.phtml?id=730758>

Paranaense, antigo J. Malucelli. Entende-se aqui que a escolha por mais de dois times, além de ampliar demais o assunto para um TCC – que poderia resultar em algo muito abrangente – tiraria muito do peso de rivalidade e antagonismo presentes entre os dois maiores times. Certamente, a história dos dois times que ficaram de fora do trabalho merece ser contada. Este pode ser, no entanto, tema para um próximo trabalho.

### 1.3 METODOLOGIA

O primeiro passo para a realização desse trabalho foi pesquisar, em arquivos de jornais e de redes de televisão disponíveis na Internet, o que estava sendo publicado sobre as torcidas organizadas no país e em Curitiba. Foram mais de 300 artigos, reportagens e notícias pesquisados sobre o assunto, publicados tanto em jornais da capital, como *Gazeta do Povo*, *O estado do Paraná* e *Tribuna*, quanto de outros estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, onde a atuação das torcidas organizadas é particularmente forte e articulada.

Ao mesmo tempo, foram realizadas leituras de teses, dissertações, artigos e livros a respeito das torcidas organizadas e da história do futebol no Brasil e no mundo, bem como sobre a participação das mulheres no esporte, além de material produzido por sociólogos e jornalistas sobre a cobertura esportiva realizada hoje no Brasil. É importante salientar aqui que há pouquíssimos estudos realizados no Brasil sobre o tema. Há trabalhos esparsos na área da Sociologia, mas, até o presente momento, a Comunicação não tem se debruçado sobre a questão como ela merece, embora esta esteja totalmente inserida no contexto comunicacional, como um fenômeno de massa presente em quase todas as cidades do país e do mundo. Obviamente que uma coisa ou outra já foi escrita sobre os *hooligans*, mas, como se verá adiante na fundamentação teórica do tema, os *hooligans* são em muitos aspectos diferentes dos torcedores organizados brasileiros, logo, a comparação não é possível, e também não é aceitável fundamentar o assunto em questão com estudos sobre um objeto distinto.

Os estudos disponíveis sobre torcidas organizadas no Brasil geralmente enfocam os agrupamentos de São Paulo, onde as torcidas nasceram e adquiriram presença notável, especialmente em termos negativos. De toda forma, do pouco

material disponível, grande parte pode ser aproveitada, pois há muitas características comuns entre as organizadas de todo o país.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas. Ao todo, foram mais de 70, feitas com membros e ex-membros das torcidas organizadas, policiais militares, funcionários de clubes, jornalistas, sociólogos, psicólogos e pessoas de alguma forma ligadas ao universo torcedor e/ou ao tema, como torcedores “comuns” (não organizados) e simpatizantes.

A escolha dos entrevistados, inicialmente, deu-se por aqueles que possuíam mais visibilidade ou que há mais tempo trabalhavam com o tema e tinham legitimidade para falar sobre ele. Os primeiros entrevistados foram os presidentes de cada uma das duas torcidas, e, posteriormente, torcedores de ambas as torcidas. Embora o contato tenha se dado com mais de 20 torcedores em cada agrupamento (todos efetivamente entrevistados), optou-se por transcrever no livro as experiências e opiniões de um número menor deles.

O critério para que tais pessoas aparecessem, ou não, no trabalho, levou em conta o protagonismo exercido por esses torcedores no grupo, tempo considerável de torcida (nenhum está há menos de cinco anos no grupo, limite mínimo imposto pela autora – embora haja entrevistas com simpatizantes e aspirantes a sócios, esses são minoria, pois, não sendo sócios, não podem ser considerados torcedores organizados no sentido estrito do termo), estar em dia com a mensalidade da torcida e, portanto, ser considerado efetivamente sócio, com todos os seus direitos e obrigações, além de vontade expressa de compartilhar suas experiências e opiniões, junto com a capacidade de expressá-las a contento – ou seja, por possuírem histórias e comentários que ‘renderam’, um termo muito utilizado por jornalistas em qualquer lugar do mundo para se referir ao material que pode efetivamente ser aproveitado para uma reportagem.

Jornalistas, estudiosos e os próprios presidentes também indicaram outras fontes. Por uma questão de isenção e para não ficar presa apenas às fontes indicadas pelos entrevistados, a autora também abordou pessoas que encontrou em outras situações, como colegas, vizinhos e até desconhecidos que estivessem com o uniforme de uma das duas torcidas.

Embora a autora tenha acompanhado alguns jogos (em sua maioria, do Coritiba, já que, para ter direito a assistir a um jogo no estádio do Atlético

Paranaense, é preciso ser sócio, pois os ingressos para não-sócios desaparecem à velocidade da luz, e as filas são imensas), as entrevistas foram realizadas, em sua maioria, em dias “normais”, ou seja, não em dias de jogo. A maioria das entrevistas ocorreu nas sedes das organizadas, nos finais de semana. Também foi possível entrevistar as duas torcidas na mesma ocasião, durante o Atletiba do dia 25/10/2009, quando a autora, munida de autorização do clube mandante, o Coritiba, pôde circular entre as duas torcidas.

Todas as entrevistas renderam mais de 50 horas de material bruto. Na maioria das vezes, as conversas não seguiram um roteiro; foi pedido às fontes que contassem episódios marcantes de sua vida de torcedor, como a vitória e a derrota mais lembradas, assim como episódios em viagens, na convivência do dia-a-dia ou durante as atividades sociais realizadas pela diretoria. Tal atitude foi essencial para deixar os entrevistados à vontade, fazendo com que criassem confiança e resolvessem contar até mesmo episódios de confronto pelas ruas e estádios.

Para a elaboração das entrevistas – um momento que se revelou muito enriquecedor, como toda entrevista deve ser – a autora procurou seguir aquilo que a professora da USP e jornalista Cremilda MEDINA caracteriza como ‘entrevista aberta’, visando a elaborar um ‘perfil humanizado’ de suas fontes. A conclusão foi de que essa técnica – e não apenas uma técnica, mas uma postura que revela uma visão de mundo diferenciada sobre como deve agir o jornalista frente às histórias de vida que ele encontra - oferece um retrato mais fiel, verdadeiro e condizente do entrevistado. Ela permite que o leitor conheça mais a fundo aquele personagem e se interesse genuinamente por ele – podendo, inclusive, compreendê-lo melhor e por inteiro.

Além disso, somente tal postura oferece subsídios suficientes para um perfil mais humano, justo e menos banalizado dos torcedores organizados – não convém aqui dar uma aparência de mocinhos aos mesmos, mas tampouco de vilões ou de vândalos, até porque há diferentes torcedores convivendo dentro de uma mesma organizada, com visões distintas a respeito do ‘torcer’.

Ao contrário da espetacularização, a entrevista com a finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco (...). Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos e históricos de vida. (MEDINA, 2005, p.18).

O perfil humanizado também é colocado por Edvaldo Pereira LIMA como o recurso que mais possibilidades oferece ao entrevistador:

O perfil humanizado é onde o livro-reportagem concede à entrevista a máxima possibilidade de alcançar dimensão superior ao que raramente seria aceitável nos veículos periódicos. A exigüidade de espaço, nestes, é uma condicionante limitadora a vôos mais periódicos (...). Há a pauta, mas também coexiste a flexibilidade de o entrevistador momentaneamente abandoná-la para entrar numa variante mais empática com seu entrevistado (...). O que então desponta é, por parte do entrevistador e do público que lê seu trabalho, a descoberta compreensiva do universo, por vezes misterioso, às vezes exuberante, nem sempre comum, de um ser humano, sempre sendo um espelho das possibilidades disponíveis a toda a espécie (LIMA, 1993, p.90).

Nas matérias existentes sobre torcidas organizadas, é raro o repórter que procura ouvir esses torcedores, seja porque sempre é ouvido o outro lado, representado pela polícia, dirigentes e comissão técnica, seja porque há um temor do jornalista em adentrar o universo das torcidas. Como relata um torcedor organizado:

“Muitas vezes, costumamos abrir o jornal e ler coisas sobre a nossa torcida que a gente não sabe de onde é que o jornalista tirou aquilo. Aí a gente sempre pergunta: ‘Quem é que deu entrevista para esse cara?’. Ninguém, mas eles inventam... História de alguém que morreu e era da torcida, de alguém que levou um tiro e ficou paraplégico e era da torcida rival, de que há droga e armas na sede... Uma série de coisas. Aí a gente lê que o jornalista é obrigado sempre a ouvir o outro lado, que isso é ensinado na faculdade. Pois bem, alguém deve ter ensinado que, no nosso caso, eles não precisam ouvir, pois eles nunca vêm até aqui, nunca acompanham nosso trabalho social. A perseguição é muito forte”. (Alan Ribeiro, torcedor da Império Alviverde, em entrevista concedida à autora em 12/11/2009).

Quanto às indagações e questionamentos enfrentados pela autora, estes foram muitos. Como mencionado acima, a maioria das matérias lidas para a compreensão do tema era negativa, parcial e atentava para a violência das torcidas, assim como o envolvimento de muitos de seus membros em crimes e contravenções. O desafio foi tanto pessoal quanto profissional: como pedir a pessoas que já estiveram envolvidas em crimes ou brigas que relatassem tais episódios, sem despertar na fonte a impressão de um julgamento ou de uma curiosidade pura e simples? Como ir a um jogo e voltar sem ser arrastada pela confusão das quais se ouvem relatos antes e depois das partidas? Como mediar o

diálogo entre dois presidentes de torcidas que, na juventude, já estiveram envolvidos em brigas e disputas um com o outro?

A redação do livro reportagem também foi um processo desafiador, pois a autora tinha a ciência de que sempre haveria a acusação – por parte da maioria das pessoas – de que o tratamento dado às torcidas era ‘brando’ demais, em vista do vandalismo e das brigas que essas cometem pelas ruas da cidade; por parte da própria autora, o receio de estar caindo na mesma armadilha dos veículos cuja cobertura foi aqui criticada: a de limitar a discussão em torno da violência. Nesse caso, prevaleceu a convicção de que há histórias e pessoas que merecem ser ouvidas nesses grupos, sejam elas adeptas de um discurso mais pacífico, ou não.

A opção da autora foi retratá-las sem preconceito. Foram ouvidos muito mais torcedores do que jornalistas, policiais, clubes ou estudiosos porque o que se queria contar era a história desses torcedores, acima de tudo. O problema da violência é colocado, mas o foco é a paixão dessas pessoas, como se organizam, o que pensam e como agem.

Em relação ao episódio de briga ocorrido no Couto Pereira em dezembro de 2009, pode-se dizer que ele foi relatado, mas sem exercer protagonismo no do livro. As razões são basicamente duas, e estão intimamente ligadas: primeiramente, o episódio ocorreu no período em que o trabalho de campo se encontrava finalizado e o livro já estava sendo escrito. Em segundo lugar, o propósito do livro é descrever a experiência dos torcedores por inteiro, sem se alongar em um único episódio, ainda muito recente e que dá margem às mais diversas interpretações. A autora entende que será preciso pesquisar o episódio mais a fundo para elaborar um relato mais fiel e justo dos acontecimentos. Certamente, esse é um assunto de extrema importância que pode vir a motivar trabalhos interessantes e importantes no futuro.

Por fim, o esforço para produzir esse livro reportagem pode ser resumido nas seguintes palavras, levando-se em conta tudo o que foi anteriormente expresso e relatado: não se faz aqui a defesa dos torcedores, mas a defesa do direito dos mesmos de serem retratados por inteiro. De certa forma, é uma adaptação da máxima de Voltaire<sup>8</sup> que afirma: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte vosso direito de dizê-lo”.

---

<sup>8</sup> Pseudônimo do escritor e filósofo francês François-Marie Arouet (1694-1778). A afirmação do escritor ressaltava a importância da liberdade de expressão que, segundo ele, era a mãe de todas as outras liberdades.

### 1.3.1 ROTEIRO DO LIVRO REPORTAGEM

O livro reportagem está dividido em oito capítulos, que podem ser divididos em três partes:

#### **Parte 1 – Paixão organizada**

A primeira parte conta a história das duas torcidas, traz um perfil dos presidentes atuais e relatos de torcedores sobre o amor pelo clube; também descreve a estrutura e a rotina de uma torcida, com seus pelotões e comando, além de falar da movimentação na sedes em dias de jogo, as crenças e superstições, manias e a visão do torcedor organizado sobre sua própria atuação dentro do agrupamento;

Capítulo 1 – Uma breve história – Relata o início das duas torcidas a partir do relato de seus fundadores, Luizão Stellfeld (Império Alviverde) e José Carlos Belotto (Os Fanáticos).

Capítulo 2 – Ser líder é... segurar o rojão e almejar um mandato - Traça o perfil dos presidentes, Julio Cesar Sobota, o Julião da Caveira (Os Fanáticos) e Luiz Fernando Corrêa, o Papagaio (Império Alviverde).

Capítulo 3 – Por que torcer? - O amor ao clube, a relação com os jogadores e o clube do coração e a discussão sobre temas que interessam ao universo torcedor.

Capítulo 4 – Vida de organizado – Um relato sobre o que fazem os organizados em dias de jogo, os encontros nas sedes e a preparação da bateria e do material para o tão esperado momento.

#### **Parte 2 – Violência**

A segunda parte fala sobre a relação entre as torcidas organizadas e a violência; traz opinião de pesquisadores sobre o tema e discute a parceria entre torcidas e polícia para acabar com o problema. Fala também sobre a contrapartida social das torcidas e o tratamento dado pela mídia ao assunto.

Capítulo 5 – A multidão que amedronta – A polêmica sobre o papel das organizadas atualmente, a questão da extinção dos grupos e o que pensam os torcedores sobre a imagem de violência que possuem junto à população, além de soluções que vêm sendo apresentadas pela sociedade civil para por fim à violência no futebol.

Capítulo 6 – O lado social – Descrição de alguns projetos sociais criados e realizados pelas torcidas, assim como a discussão sobre o real objetivo dessas iniciativas.

Capítulo 7 – Mídia e torcida – Trata da (falta de) relação delicada entre a imprensa e as torcidas. Discute a responsabilidade da mídia nesse cenário de violência e uma possível solução para o restabelecimento de um diálogo.

### **Parte 3 – Mulheres torcedoras**

Capítulo 8 - Evas na torcida - A terceira parte trata das mulheres dentro das torcidas organizadas. O foco é no preconceito que muitas ainda enfrentam no estádio e no dia-a-dia. Traz um relato da primeira mulher a fazer parte da torcida atleticana e a visão de sociólogas estudiosas das relações de gênero dentro do futebol. Por fim, também conta um pouco da história e da rotina das mulheres que formam o Comando Feminino (Império Alverde) e o Pelotão Feminino (Os Fanáticos).

## 2 LIVRO REPORTAGEM

O suporte livro-reportagem pode ser considerado um dos gêneros jornalísticos de maior sucesso entre os próprios jornalistas e o grande público. Uma rápida olhada na lista de *best-sellers* revela que, entre os livros de não-ficção, sempre há algum 'representante' dessa categoria entre os mais vendidos. Na lista divulgada pela *Revista Veja* na edição nº 2166, de 26 de maio de 2010, figura, em 4º lugar, um livro reportagem: "As vidas de Chico Xavier", do jornalista Marcel Souto Maior, sobre a vida do líder espiritual Chico Xavier. O livro, inclusive, deu origem ao filme homônimo que estreou em abril nas salas de cinema.

E por que o livro reportagem é um gênero tão bem sucedido entre os profissionais da imprensa? Porque oferece a eles uma chance e uma possibilidade que a imprensa diária não é capaz de propiciar: trabalhar num tema que lhes interesse – não em algo imposto por uma pauta que vem 'de cima' –, de forma aprofundada e analítica, e com maiores liberdade de tempo de apuração e escrita. Como lembra LIMA (1993, p. 16),

(...) o livro-reportagem, em maior ou menor grau, ocupa um espaço próprio de importância no mercado editorial, de país a país, no mundo ocidental, conforme a pujança e a maturidade do setor. Mas é inegável que essa modalidade de veiculação da grande reportagem faz parte do já vasto panorama em que se apresenta o jornalismo moderno, diversificado em suas múltiplas faces. O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística.

A contextualização do tema tratado, ou nas palavras de LIMA, "vislumbrar um horizonte mais elevado, penetrando na situação ou nas questões mais duradouras que compõem um terreno das linhas de força que determinam os acontecimentos" (1993, p. 71), é um dos aspectos mais importantes de um livro reportagem. Tal suporte permite ao leitor *entender* a realidade por trás dos fatos, ao invés de apenas *tomar conhecimento* deles. Numa notícia sobre violência em dias de jogo, por exemplo, é raro encontrar subsídios para a compreensão desse fenômeno social que vem sendo alvo constante de preocupação por parte da população curitibana.

Apenas fatos e números costumam ser noticiados: X ônibus foram quebrados, a polícia prendeu Y torcedores e Z torcedores feridos foram encaminhados ao hospital. Nesse sentido, apenas o livro reportagem poderia dar conta de contextualizar, por questões de espaço, tempo, liberdade de angulação e de fontes, os problemas estruturais pelos quais passa o futebol, e que certamente influenciam o torcer – e que a violência atinge não somente o futebol, mas igualmente outros espaços de sociabilidade, como a escola e a família.

Outro diferencial do livro reportagem em relação à imprensa diária é a liberdade não apenas temática – que permite trabalhar em algo prazeroso e que acrescenta ao jornalista experiência de cunho profissional e também pessoal –, mas a liberdade de fontes. É sabido que hoje os veículos de imprensa sofrem do mal conhecido na área como “fontismo”, quando o jornalista ouve sempre as mesmas fontes. Além de conferir à cobertura um tom de mesmice e atentar contra a criatividade e a originalidade, o “fontismo” aponta para um problema que assume contornos ideológicos: a negação de espaço e voz a outros atores sociais. Na cobertura diária do futebol, é comum se ouvirem apenas dirigentes de grandes clubes, jogadores em evidência e técnicos renomados. Ao torcedor, e especialmente ao torcedor organizado, figura essencial para a compreensão do futebol e de suas implicações extracampo, resta o papel marginal e por vezes beirando o caricatural e o preconceituoso.

Em resumo, esse suporte jornalístico diferenciado permite ao jornalista encontrar uma saída tanto para o primeiro quanto para o segundo problemas acima descritos:

A periodicidade impõe padrões de rotina, ao mesmo tempo aliando-se a dois outros fatores nocivos para um instrumento de comunicação que queira ultrapassar o meramente informativo:

- a construção da mensagem pela forma mais rápida – porém menos criativa – do texto pasteurizado nos elementos “o quê, quem, quando, onde, como” e – nem sempre – o “por quê”;

- e a recorrência apenas a fontes legitimadas – isto é, institucionalizadas como tais -, já que (...) “é mais fácil localizar e falar com o representante legitimado do que procurar pelas várias pessoas não legitimadas ou um pouco distantes do assunto” (LIMA, 1993. p. 58).

O livro reportagem também oferece uma vantagem inquestionável em relação aos demais gêneros jornalísticos: a possibilidade de fugir da “manipulação ideológica ou de comprometimento atrelado a interesses mercadológicos” (LIMA,

1993, p.59). A cobertura de assuntos considerados polêmicos, cujos desdobramentos ainda não são conhecidos, como é o caso das torcidas organizadas, eventualmente é realizada de forma sensacionalista e pouco comprometida pela imprensa, o que prejudica o debate e interfere na visão que a sociedade tem desse fenômeno social.

O excesso de sensacionalismo, desvirtuando um fato por chamar atenção para um elemento folclórico apenas, pitoresco, de um tema importante, é um desses efeitos da tentativa de conquista, a qualquer preço, do leitor. A embalagem acaba viciando o conteúdo. Com isso, perde o receptor a chance de captar o sentido mais profundo da contemporaneidade. Muito menos ainda quando entra em campo certo emocionalismo [...], distorcendo a leitura do real. (LIMA, 1993, p. 59).

Esse vício, inclusive, é percebido pelos próprios torcedores organizados, que criticam a opção dos veículos pelos confrontos, em detrimento de outros aspectos, como o trabalho social das torcidas e a festa promovida por elas no estádio.

“Hoje, dois assuntos vendem jornal mais do que qualquer outro: futebol e violência. Se o jornal puder juntar os dois em um só, melhor para ele, ele ganha mais. A violência nas torcidas organizadas é um prato cheio para o jornalista, que vende o dobro do que venderia se falasse só sobre torcida ou só sobre violência. O jornalista apela para o sensacionalismo porque sabe que o grotesco vende, e bastante” (Luiz Fernando Côrrea, o Papagaio, presidente da Império Alviverde, em entrevista concedida à autora em 12/10/2009 )

Além de oferecer ao jornalista toda essa gama de possibilidades, o livro reportagem também permite que se inove na linguagem e no modo de captação dos fatos – que, aqui, viram não apenas notícias, mas boas histórias.

Segundo LIMA (1993, p. 45-50), há vários grupos de livros reportagem: os de perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e de viagem. Para a realização das matérias deste trabalho foram escolhidas mais de uma modalidade entre as definidas pelo autor. São elas: *livro-reportagem perfil*, *livro-reportagem retrato* e *livro-reportagem atualidade*.

A primeira modalidade é descrita pelo autor como

uma obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se geralmente de uma figura olímpiana. No segundo, a

peçoal geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão (1993, p. 45).

No caso deste trabalho, a modalidade *livro reportagem perfil* foi utilizada para a confecção dos perfis dos presidentes das torcidas organizadas, Julião da Caveira, da Torcida Os Fanáticos, e Papagaio, da Império Alviverde, pessoas até certo ponto anônimas (embora conhecidas dentro do universo torcedor e, de certa forma, evidenciados, respectivamente, após a eleição de Julião para a Câmara de Vereadores de Curitiba e o episódio de violência no Couto Pereira, em dezembro de 2009), mas importantes para a compreensão, por parte do leitor, de quem são esses torcedores 'diferenciados'. Como representantes máximos dessa categoria, eles são emblemáticos, pois são, de fato e de direito, a personificação dos demais personagens descritos ao longo do livro.

A segunda modalidade, o *livro reportagem retrato*,

[...] exerce papel parecido, em princípio, ao do livro perfil. Mas, ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, *um setor da sociedade*, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. Visa dar, principalmente, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade (1993 p. 45-46).

Essa modalidade foi utilizada para a elaboração do retrato das torcidas, em toda a sua complexidade: como é a rotina dos torcedores antes e depois do jogo, o que acontece na sede, qual é o trabalho social realizado, o papel das mulheres, a função da bateria, entre outros aspectos que são explicados e retratados ao longo do livro.

A terceira modalidade, o *livro reportagem atualidade*, segundo Lima,

[...] seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos. Assim, permite ao leitor resgatar as origens do que ocorre, seu contorno do presente, as tendências possíveis do seu desfecho no futuro. Facilita a identificação das forças em conflito, que poderão determinar o desfecho. Faz com que o leitor acompanhe, com maior profundidade, uma ocorrência de maior magnitude que esteja em progresso. (1993, p. 48).

A categoria *livro reportagem atualidade* foi utilizada para este trabalho pela atualidade do tema tratado. As torcidas organizadas, embora nascidas na década de 70, são um tema mais contemporâneo do que nunca, vide a quantidade de debates

que continuam a suscitar mesmo 40 após a criação da primeira delas, a corintiana Gaviões da Fiel. Após um período de apologia da violência e do confronto, e a conseqüente recriminação por parte da sociedade, esses agrupamentos passam por uma reconfiguração que ainda não é definitiva; as forças em conflito de que fala o autor também estão presentes aqui (os próprios torcedores, os clubes, a polícia, a mídia) e ainda não é possível delinear o seu desfecho, daí a importância do assunto enquanto tema que ainda insiste em chamar a atenção de pesquisadores, jornalistas e da sociedade como um todo.

## 2.1 O jornalismo Literário e a grande reportagem

O jornalismo é o império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação. Na metáfora do império estão contidas as idéias de força, domínio e amplidão de territórios, que contrastam com a fragilidade e a sacralidade da arte de cultivar as flores da linguagem no jardim da imaginação. (COSSON, 2005, p.58).

O Jornalismo prioriza os fatos, que são crus, falam por si mesmos, primam o instantâneo; a literatura é o território da reflexão, das entrelinhas, da delicadeza e do perene. Tal suposta diferença, porém, não impediu que ambos os gêneros, ao longo da história de um e de outro, se cruzassem e elaborassem obras primas daquele que poderia ser considerado um terceiro gênero, híbrido – a literatura de não ficção (termo utilizado pelo jornalista americano Truman Capote, um dos grandes expoentes dessa área) ou Jornalismo Literário (JL).

Desde que o escritor inglês Charles Dickens escreveu sua primeira reportagem para o *Morning Chronicle*, em 1835, a literatura – através dos próprios escritores - passou a perceber que era possível narrar com qualidade e eloquência ao mesmo tempo em que se utilizavam elementos de um gênero que ainda nascia, e que primava pela veracidade, pelo domínio dos fatos, pelo real: o Jornalismo. Após Dickens, outros, como Mark Twain, Jack London, George Orwell e John Steinbeck também se aventuraram pelo gênero jornalístico, ainda considerado marginal, embora a expressão Jornalismo Literário ainda não houvesse sido cunhada.

No Brasil, coube ao escritor Euclides da Cunha, em *Os sertões*, mesclar brilhantemente o poder de narração da literatura com a preciosidade investigativa dos melhores repórteres. Na época em que a obra foi publicada, 1902, o termo livro

reportagem também não existia, mas, pelo pioneirismo e semelhança de *Os sertões* com as grandes obras primas desse novo gênero, ele pode ser considerado o precursor do livro reportagem no Brasil.

Não importa muito, do ponto de vista da observação de um processo no tempo histórico, que *Os Sertões* não seja um livro-reportagem no sentido estrito do termo. Importa que tenha exibido algumas importantes possibilidades do tratamento jornalístico. Importa que, por analogia de raciocínio, tenha estado para o futuro desenvolvimento do livro-reportagem no Brasil assim como, digamos, *Por quem os sinos dobram*<sup>9</sup>, tenha estado como estímulo para o jornalismo literário americano dos anos 40 ou 50. (LIMA, 1995, p.163)

A adoção, por parte de alguns escritores, desse gênero híbrido que nascia não significou, à época, que a simbiose fosse aceita pelos intelectuais da pena. O Jornalismo era visto como uma ocupação menor, um trampolim para homens que quisessem se lançar na política, e os jornais, um celeiro de escritores de segunda categoria. Como coloca o jornalista Jon E. Lewis na introdução de seu livro *O grande livro do Jornalismo* - que reúne reportagens de Dickens (*Um homem é guilhotinado em Roma* - 1845) e London (*A história de uma testemunha ocular: o terremoto de San Francisco* - 1906) a Gloria Steinem (*Eu fui uma coelhinha da Playboy* - 1963) e Robert Fisk (*O relógio marcava 7h55: precisamente o momento em que o míssil explodiu* - 2003 ) – “Na Inglaterra vitoriana, algumas profissões eram barradas àqueles que haviam decaído ao ponto de vender suas penas aos jornais”. O grande escritor francês Gustave Flaubert teria dito a seguinte frase a respeito do hábito de alguns de seus pares de aceitar encomendas de jornais: “Considero uma das felicidades de minha vida não escrever nos jornais; isso prejudica a minha bolsa, mas faz bem à minha consciência”. (LEWIS, 2008, p. 9).

No Brasil, muitos escritores também se valiam dos jornais para divulgar suas obras, publicadas em forma de folhetim, ao mesmo tempo em que escreviam sobre situações reais, como foi o caso de Lima Barreto e Machado de Assis, entre tantos outros; mas a prática era vista com misto de entusiasmo, desconfiança e desaprovação nas rodas literárias da época, como conta Nelson Werneck Sodr e, citado por LIMA.

---

<sup>9</sup> Livro de Ernest Hemingway, lançado em 1940, considerado o primeiro a utilizar com vigor as técnicas do jornalismo literário. À época, o termo jornalismo literário ou jornalismo de não ficção, ainda não havia sido cunhado. Isso só aconteceria com *A sangue frio*, de Truman Capote, lançado em 1966.

Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível. [...] No inquérito organizado por Paulo Barreto, e depois reunido no volume O momento literário, uma das perguntas era esta: "O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?". A maioria respondeu que bom, naturalmente. Félix Pacheco esclareceu com exatidão: "Toda a melhor literatura brasileira dos últimos 35 anos fez escala pela imprensa". Medeiros de Albuquerque viu outros aspectos da questão: "É certo que a necessidade de ganhar a vida em misteres subalternos da imprensa (sobretudo o que se chama a "cozinha" dos jornais; a fabricação rápida de notícias vulgares;), misteres que tomem muito tempo, podem impedir que os homens de certo valor deixem obras de mérito". (1993; p. 126).

Tal situação só começou a se inverter com o nascimento de um gênero jornalístico que daria mais vigor, brilho e respeito aos jornais e, por consequência, aos que nele escreviam: a reportagem. Na década de 1920, os jornais, mais uma vez inspirados pela literatura, começam a apostar não apenas em notícias curtas, em tom telegráfico, em que apenas se respondiam as perguntas básicas do tradicional lead (as respostas às seis famosas perguntas: o quê, quem, quando, onde, como e por que), mas em matérias de profundidade, mais elaboradas, que primassem pelo entendimento dos fatos, não apenas pela sua absorção. Foi nesse período de valorização das histórias por trás dos fatos que muitos monstros da literatura começaram a produzir seus textos: Ernest Hemingway, George Orwell, Mario Vargas Llosa, Norman Mailer, Gabriel Garcia Marquez, todos grandes mestres da Literatura, iniciaram a carreira nos jornais.

No Brasil, no mesmo período, surge aquele que seria o grande mestre da reportagem: o carioca João do Rio. Como afirma LIMA (1993, p. 164), o autor foi

[...] um profissional que domina o cenário jornalístico do Rio de Janeiro, no nível da reportagem, entre 1900 e 1920, exatamente o período de transformação carioca rumo à modernidade. As transformações urbanas, a disseminação do uso do automóvel, a chegada do cinema, a alteração do cenário literário, com o fim da boemia, a imprensa em rápida mudança para o caráter de indústria, tudo leva o autor a situar um tempo em transição sobre o qual se curva para registrá-lo. Há um sentido de urgência no trabalho de João do Rio. Começa a publicar sua série de reportagens na Gazeta de Notícias e depois vai desafiando em livros a linha de temas que o preocupam [...]

Segundo Lima, o autor deu uma grande contribuição à reportagem. Entre suas técnicas estavam a "observação detalhada da realidade, pela coleta de informações por meio de entrevistas e fontes, pela descrição sugestiva de

ambientes, pela superação do tempo narrativo imediato”, em favor do tempo futuro. Após João do Rio, a reportagem brasileira só viria a ser retomada com fôlego com o fim da Segunda Guerra Mundial, ápice do veículo que viria a alavancar esse gênero no país: a revista *O Cruzeiro*, fundada em 1928. Embora o veículo primasse muitas vezes pelo sensacionalismo e pela falta de critérios éticos, e suas matérias fossem carregadas de superficialismo, é inegável seu pioneirismo na área da reportagem e da fotorreportagem.

Com a decadência de *O Cruzeiro*, entra em cena o semanário *Realidade*, revista especializada em grandes reportagens que foi sucesso de vendas no final da década de 1960 até a metade da década de 1970, quando desapareceu – e também a revista onde 10 em cada 10 jornalistas gostariam de trabalhar:

Realidade não se prende ao fato do dia-a-dia, propõe sair da ocorrência para a permanência. Seus temas não são os fatos isolados imediatos, mas sim a situação, o contexto onde esses fatos se dão. Podemos dizer que sua concepção do presente é a de um tempo atual dilatado em estendida presentificação. Desse modo, o interesse não é noticiar que o preço dos legumes aumentou semana passada e por quê, mas mostrar como se movimenta a máquina de abastecimento da grande cidade 24 horas por dia, mês após mês; não é contar como o juiz foi vaiado no Maracanã, mas debulhar, num quadro contextual, as realidades duradouras da atividade desse profissional. (LIMA, 1993, p. 169-170).

A revista, entretanto, não estava sozinha em sua cruzada contra um tipo de Jornalismo que buscava incessantemente o ineditismo dos fatos, o furo, e na linguagem, o discurso simplista e objetivo, em detrimento da complexidade e do contraditório. O maior companheiro de *Realidade* à época era o diário paulista *Jornal da Tarde (JT)*, do mesmo grupo que dirigia o *Estadão*, em São Paulo. Criado em 1966, o jornal inovou tanto no conteúdo quanto plasticamente, com diagramação inovadora e valorização da fotografia, e foi também referência na área da grande reportagem e do Jornalismo Literário até a metade dos anos de 1980.

O modelo (do jornal) sofre alterações ao longo do tempo, mas consegue firmar duas tendências de forma – a excelência da linguagem plástica, criatividade no texto literário – e uma tendência de fundo – a busca da interpretação. Evolui com o tempo, depois tem queda de nível – apelando tendenciosamente, como em momentos das eleições presidenciais de 1989 - mas ao longo das oscilações, nunca deixa de apresentar um nível de texto verbal, nas grandes reportagens, quase sempre bom. Seus textos mais longos extravasam em certos casos uma edição e saem em forma seriada, durante dias seguidos. Alguns de seus profissionais extrapolam o próprio

jornal e publicam reportagens em livros, normalmente reproduções das matérias originais para o diário (LIMA, 1993, p. 177).

Na época de ouro de *Realidade* e do *JT*, fazia história nas redações e dentro das reportagens um novo modelo de fazer jornalismo: um modelo que viria a se tornar um movimento, chamado mais tarde de *new journalism*. Caracterizado, segundo VILAS BOAS<sup>10</sup>, por quatro elementos chave – a construção detalhada de uma cena ou acontecimento; a riqueza dos diálogos; a variedade dos focos narrativos, com multiplicidade de pontos de vista; e a reconstituição minuciosa dos acontecimentos, de um cenário à forma como uma pessoa gesticula – o novo jornalismo primava antes de tudo pela originalidade e a criatividade, artigo raro nas redações americanas, dominadas pelo lead e pela técnica da pirâmide invertida.

Vale lembrar, porém, que o novo jornalismo não era tão novo assim. Como bem lembra LIMA, “o new journalism foi a manifestação de um momento do Jornalismo Literário. Isso quer dizer que o JL, enquanto forma de narrativa, de captação do real, de expressão do real, já existia antes e continua existindo após o new journalism, que foi uma versão específica do JL, mas uma versão radical quando comparada à anterior, principalmente no que se refere à capacidade do narrador de se envolver com o universo sobre o qual vai escrever”. (2002).

Isso significa dizer que o new journalism nada mais é do que uma versão atual e mais radical do que faziam os escritores do realismo social do século XIX, que realizavam grandes imersões nos temas de que tratavam em seus artigos e romances, com técnicas apuradas de captação de informações e descrição detalhada de ambientes e das características psicológicas das personagens. O que grandes expoentes desse novo movimento faziam - como Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese – era levar essas técnicas ao seu limite máximo, sem prejuízo da veracidade dos fatos.

Como bem disse Talese, no prefácio de seu livro *Aos olhos da multidão*, um clássico do gênero, “O novo jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico como a mais exata das reportagens, buscando, embora, uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis. O uso de citações diretas, a adesão ao rígido

---

<sup>10</sup> Disponível em:

<http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=fl20030902160324&category=ensaios&lang=>

estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com freqüência, ou que assuma o papel de narrador imparcial.” (1970, p9).

E quais foram as origens de tal movimento? Se, cem anos antes, o jornalismo literário se firmava como um gênero em que escritores ‘ousavam’ vender suas penas aos jornais, utilizando em seus romances as técnicas do tão mal visto Jornalismo, no new journalism, que nasceu nos revolucionários anos 60, a tendência era inversa: os novos jornalistas eram então profissionais da imprensa que possuíam um sonho: escrever seu próprio romance. Enquanto tal momento de glória não chegava, o novo jornalismo satisfazia a necessidade de muitos de serem escritores (BOSI, DEL VECCHIO E SANTIN, 2006, p. 46). A transição, porém, não agradava a classe literária. Segundo BOSI, DEL VECCHIO E SANTIN,

O surgimento dessa nova modalidade literária criou pânico na comunidade literária, já que, durante o século XX, os literatos haviam se acostumado a perpetuar uma estrutura de classes, na qual o romancista gozava do posto mais alto, e o jornalista, o mais baixo. Entre os dois havia ainda a classe dos ensaístas, críticos literários, biógrafos, historiadores e cientistas. Esta estrutura começa a ser questionada com o surgimento de escritores situados na base da pirâmide, sem nenhuma credencial literária, que empregam largamente os recursos mais sofisticados pelos romancistas na prática de seu trabalho jornalístico. (2006, p. 48).

Veículos tradicionais, assim como os jornalistas que nele trabalhavam, tampouco estavam de acordo com os rumos tomados por alguns de seus colegas – à época, a redação era formada por dois tipos de profissionais: aqueles especialistas em reportagens, e que aderiram ao movimento que surgia; e aqueles que se dedicavam exclusivamente aos furos, ao factual.

Tal arte divinatória [*a de supostamente inferir o que as personagens do texto jornalístico pensavam*] tinha tudo para dar problema, e deu. Repórteres tradicionais, como Haynes Johnson, do Washington Post, torceram o nariz, segundo relata H. Eugene Goodwin na monumental pesquisa “Procura-se ética no jornalismo”: - Quando Tom Wolfe e as pessoas que se intitulam elas próprias de Novos Jornalistas inventam as personagens e nos dizem o que as pessoas pensam porque falaram com muitas delas, bem, eles estão fazendo o papel de Deus... Ninguém pode inventar citações e personagens e dizer que isso é jornalismo. É uma coisa diferente e deveria ser catalogada diferentemente — disse Johnson a Goodwin. (Boletim no. 20, Instituto Gutenberg).

Enquanto a cruzada contra o novo jornalismo ocorria, grandes obras primas do gênero foram conquistando a crítica e o público. Truman Capote lançou a pedra fundamental do gênero em 1966, *A sangue frio*. A ele se seguiram *Fama e Anonimato*, de Gay Talese, e *Radical Chic*, de Tom Wolfe, ambos de 1970, só para citar os mais emblemáticos. Nos anos 80, o movimento perdeu sua força e hoje é considerado pelos historiadores da imprensa como um movimento com início, meio e fim, e que ajudou a consolidar o livro reportagem como gênero jornalístico, além de arejar as redações que se viam engessadas pelo lead, pela falsa premissa da objetividade e pela pirâmide invertida.

Uma idéia da força de tal movimento pode ser notada através da trajetória de seus maiores expoentes: Gay Talese é considerado hoje, aos 77 anos, um dos escritores e jornalistas mais respeitados do mundo. Recentemente, apresentou sua obra mais recente, *Vida de escritor*, na Flip – Feira Literária Internacional de Paraty – e foi sensação durante sua passagem pelo Brasil, quando deu entrevistas para inúmeros jornais, revistas e emissoras de TV – onde falou sobre tudo, do novo jornalismo ao desafio imposto ao jornalismo pela Internet – mídia que ele particularmente não aprecia.

## 2.2 A grande reportagem e o jornalismo literário hoje

**Veja** – *O senhor foi um dos expoentes do Novo Jornalismo, que levou recursos literários para a redação de notícias. Qual a herança desse movimento?*

**Tom Wolfe** – Os movimentos que trazem "novo" no nome envelhecem mal. Os jornais nunca gostaram do Novo Jornalismo, e com certa razão, pois é um gênero difícil. E nas revistas de hoje os editores querem textos curtos, simples de ler, sem muita sofisticação, pois acreditam que os jovens têm uma atenção limitada. É um erro: os jovens só têm atenção limitada para as coisas que os entediam. O Novo Jornalismo ainda é praticado em livros-reportagem como *Falcão Negro em Perigo*, de Mark Bowden, sobre a intervenção americana na Somália. Esses livros usam as técnicas literárias do Novo Jornalismo, embora não sejam mais identificados assim.

Qual o cenário do jornalismo literário e da grande reportagem hoje? Após a revolução do novo jornalismo, qual é o cenário que se desenha para quem quer seguir os caminhos de Wolfe, Talese e Cia? Há produção de qualidade sendo feita hoje em dia por revistas, jornais e profissionais? A resposta é sim, como bem notou

Wolfe em entrevista à *Revista Veja*, em maio de 2005. Obviamente que, ao contrário daquele período de ouro da grande reportagem, hoje, iniciativas do tipo são esparsas e isoladas. Alguns jornais e revistas, esporadicamente, dedicam-se a produzir matérias de maior fôlego, como é o caso do jornal Estadão, com o suplemento Aliás, cuja última página sempre traz um perfil sobre alguém famoso ou anônimo, utilizando recursos do Jornalismo Literário. Revistas semanais como *Época* também têm trazido aos leitores boas reportagens. A repórter Eliane Blum, contratada pela revista exclusivamente para produzir matérias especiais, muito admirada por sua linguagem literária e intimista, é um exemplo desse esforço.

No Brasil, o exemplo maior de uma tentativa de resgatar os áureos tempos de Realidade é a revista *piaui* (com letra minúscula e sem acento), criada em 2006 pelo documentarista João Moreira Salles. A revista, de (e justamente por isso) circulação mensal, não trata de temas factuais como as demais revistas existentes no mercado editorial brasileiro. Como afirmou Salles, “Podemos fazer um perfil do ministro da Saúde cinco meses após a discussão sobre aborto ter arrefecido”<sup>11</sup>. Para a revista, o importante é contar uma história, contextualizar um assunto e conquistar o leitor pelo humor, pelo texto elaborado e pela despretensão de ser objetivo e imparcial.

Com três anos e meio de existência, ainda é impossível atestar o impacto de *piaui* no público e, mais importante, no modo como se faz jornalismo no Brasil. A tiragem da revista é modesta, em torno de 30 mil exemplares, mas, assim como *Realidade*, a revista vem conquistando cada vez mais jornalistas, que sonham em escrever os famosos perfis de 10 páginas para a revista (com tempo de elaboração que pode chegar a seis meses).

Nos EUA, o maior exemplo continua sendo a revista *The New Yorker*, aquela na qual John Hershey publicou o famoso relato que se transformaria em sua obra prima, *Hiroshima*. A revista é muito admirada pelo estilo vigoroso e inteligente de seus textos, pela qualidade da equipe jornalística (possui umas das melhores equipes de checagem do meio editorial, embora não seja uma revista factual) e por possuir ou ter possuído os melhores colaboradores do mercado (do ator Steve Martin e da ensaísta Susan Sontag ao cartunista Art Spiegelman e ao escritor J. D. Salinger). É exemplo e inspiração para as demais iniciativas do gênero criadas nos

11

Fonte: <http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=36409&Editoria=8&Op2=1&Op3=0&pid=52548226756&fnt=fntnl>

últimos anos em vários países; foi, inclusive, modelo para a criação de *piaui*. Suas reportagens sobre a guerra do Afeganistão e do Iraque foram amplamente divulgadas ao redor do mundo, e foi da revista a revelação de que soldados americanos cometiam abusos e torturas contra iraquianos na prisão de Abu Ghraib, um dos maiores escândalos em que o governo de George Bush se viu envolvido desde o início da “guerra ao terror”, em 2001.

Recentemente, em outubro de 2009, a revista publicou uma extensa reportagem sobre a violência entre traficantes no Rio de Janeiro. Mais uma vez, inovou: publicou entrevistas com os criminosos, descreveu métodos de tortura e assassinato empregados por ele e até fez fotos do traficante mais procurado pela polícia carioca na época. Independentemente de quanto pavor e reprovação o tema possa provocar, a revista descreveu brilhantemente um assunto que a mídia brasileira ainda precisa aprender a trabalhar. Seja ela adepta do Jornalismo Literário, ou não.

Para a elaboração deste trabalho, a linguagem utilizada procurou espelhar-se no JL. Obviamente, não se pretende aqui elaborar uma obra comparável aos expoentes do gênero, mas emprestar características desse gênero que contribuiu de forma inestimável para a oxigenação das redações. O objetivo foi fugir do aspecto sisudo e formal das matérias da imprensa tradicional, imprimir um ritmo novo ao tema, com a liberdade de fontes e, principalmente, de angulação que o livro reportagem permite e, no que se refere ao JL, poder descrever com mais detalhes o ambiente em que vivem esses torcedores, seus pensamentos e ações, fornecendo ao leitor depoimentos, opiniões e informações mais trabalhadas.

### 3 JORNALISMO ESPORTIVO

É difícil precisar o momento em que o Jornalismo Esportivo nasce no Brasil. O primeiro relato de um acontecimento esportivo nas páginas de jornal é de autoria do escritor José de Alencar, em 1854, e falava sobre as corridas do jóquei e como o evento mexia com a rotina da cidade do Rio de Janeiro (LUCENA, 2003, p. 165) – mas, ainda assim, falava menos do esporte em si, e mais de suas implicações sociais. Nesse período, o mais correto seria falar em crônica esportiva, visto que a reportagem ainda não existia nas redações de jornal. A crônica, gênero importado da França (DA COSTA, 2007), fazia sucesso no Brasil por permitir o relato de fatos do dia-a-dia, mas justamente por essa característica, era considerada um gênero menor, em oposição aos artigos científicos, literários e históricos com os quais dividia espaço nos jornais.

Havia diferenças salutaras até mesmo entre a crônica praticada na França – mais documental e analítica – e a praticada no Brasil – mais fantasiosa, carregada de tintas ficcionais e literária, como distingue DA COSTA (2003). Em relação à crônica esportiva, notadamente jornalística, o preconceito era ainda maior, escrita por jornalistas sem pretensão artística ou literária, sem muita fantasia e meramente descritiva, com relatos a respeito dos acontecimentos. E, sendo fundamentalmente jornalística, era vista como um gênero ainda menor do que a própria crônica de variedades, numa época em que o próprio Jornalismo lutava pela profissionalização e respeito junto à sociedade.

Segundo TRAQUINA (2004, p. 77), de seu surgimento no século XVIII, até as primeiras décadas do século XX, o Jornalismo era trampolim para os homens da política, que usavam o espaço nos jornais para alavancar suas carreiras ou fazer negócios influenciando a opinião pública. “Escrever nos jornais era visto como um passo normal na carreira política de um homem e um meio aceito para atingir um cargo político (...) o Jornalismo era mais visto como um primeiro passo para outras carreiras e não uma profissão de direito próprio. (...) Em 1875, o Dicionário Universal do Século XIX, de Pierre Larousse, resume sobriamente a opinião comum: ‘O repórter é em geral mal visto pelo público sério, que lamenta ver a novidade tomar uma importância exagerada e expulsar do jornal o artigo sério, histórico ou crítico’”.

É necessário também ter em mente que o próprio futebol se encontrava em fase de desenvolvimento nessa época, começo do século XX – o futebol aportou por

aqui em 1895. Os clubes ainda possuíam mentalidade e prática amadoras, e o esporte ainda não era popular entre as massas.

Em 1901, quando foi realizado o primeiro jogo entre as seleções paulista e carioca, os jornais não demonstraram interesse no esporte, apesar de Charles Miller, organizador da partida, tê-los procurado pessoalmente para promover o jogo (Soares: 1994, p.23). Já no ano seguinte, com o aumento do número de clubes e praticantes, os jornais passaram a dar espaço para as notícias sobre o futebol e para os relatos das disputas em campo porque já não podiam mais ignorar o futebol como esporte que interessava à população (Marques: 2003). Espaço ainda limitado: as notícias eram colocadas em colunas sem destaque, perdidas na imensidão da página, sem ilustração ou qualquer outro compromisso em promover as notícias esportivas além do necessário (Coelho: 2003). (SOUSA, p.03)

O primeiro jornal a dedicar espaço ao esporte, especificamente ao futebol, foi o periódico paulista *Fanfulla*, na primeira década do século XX. No jornal *O Estado de São Paulo*, nos anos de 1910, também era possível encontrar uma ou outra nota sobre o esporte bretão. Mas, ainda assim, o espaço era ínfimo. As notícias eram compostas basicamente de resultados e tabelas, o jogo-pelo-jogo (SOUSA, p.5) e não havia reportagens sobre o mundo esportivo e sobre jogadores e clubes.

Como poderia uma vitória nas raias - ou nos campos, nos ginásios, nas quadras - valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia (...). Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menos poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol - como os demais esportes - dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto (COELHO, 2003, p. 8-9).

Nessa época, meados da primeira década do século XX, apenas 23%<sup>12</sup> dos brasileiros eram alfabetizados, o que resultava num país de poucos leitores de jornal, e a crônica esportiva, quando possuía espaço nesses veículos, não ocupava a primeira página e era intensamente carregada de linguajar e mentalidade provindos da cobertura de esportes mais tradicionais e aristocráticos, como o turfe

---

<sup>12</sup> IBGE - Estatísticas do século XX, 2003. [www.ibge.gov.br/seculoxx](http://www.ibge.gov.br/seculoxx)

(corrida de cavalos), o que fica explícito na seguinte crônica publicada no jornal *O Combate* de 1902:

No prado do velódromo competiram, ontem, dois puros-sangues, Paulistano e Mackenzie (times de futebol da época). Ambos galoparam bem, demonstrando estar nas pontas dos cascos. Chagaram juntos, porque cada um fez o focinho, a bola, entrar uma vez ao disco com rede. Não foi fornecido o resultado do rateio. Serviram-se, ao final, bebidas e salgadinhos (FONSECA, 1981, p.33 in TOLEDO, 2002, p. 177).

Aos poucos, porém, a mentalidade se modificaria, e os jornais se encarregariam de popularizar o futebol entre a população, como denota LUCENA (2003, p.17), afinal, o esporte se transformava em objeto de canalização de anseios e aspirações da população, além de fonte de divertimento. “Não demorou muito para que o esporte ganhasse, dia-a-dia, mais espaço no gosto popular e com isso também mais atenção daqueles que escreviam sobre coisas simples do cotidiano. As crônicas sobre o esporte, e em especial sobre o futebol, passaram a ser crônicas esportivas, num exemplo claro da relação que se aprofundava entre a linguagem jornalística e a crônica, que vai passo a passo se constituindo num gênero-síntese (Ramadan, 1997)”.

Antes mesmo que os homens públicos, médicos e militares descobrissem os benefícios políticos, de saúde ou estratégicos de se incentivar (ou exigir) a prática do futebol, os cronistas esportivos já mencionavam o esporte em suas páginas, alguns com maus olhos, e outros, de forma animada.

“Mas, se o cronista contribuiu para a elaboração de uma linguagem própria dos jornais, essa linguagem passa também pela assimilação de um estilo, podemos dizer, “esportivo” no fazer jornalístico. Escritores como José Lins do Rego, por exemplo, perceberam a independência narrativa e o poder de ligação com o leitor que a crônica comportava. Zelins, como carinhosamente era chamado por alguns amigos, tornou-se, nas páginas do *Jornal dos Sports*, aonde chegou a escrever 1.571 crônicas sobre o tema, durante cerca de doze anos, um cronista apaixonado e vibrante (Coutinho, 1995). Escreveu muito e, como poucos, soube dar a dimensão, pela crônica, do que representava – ou representa? – a força do esporte entre nós. Afinal, tudo parecia poder se resumir ao par esporte e vida. Portanto, quando o esporte ganhou cor e importância na pena dos nossos políticos e educadores, há muito já vinha sendo considerado pelos cronistas que observaram o seu desenrolar na vida das cidades. A crônica, ao que parece, ajudou a construir esse gosto pela nova forma de divertimento”. (LUCENA, 2003, p. 168)

Porém, o estilo de crônica esportiva que definitivamente marcaria época e passaria à história como melhor exemplo do casamento entre Jornalismo Esportivo e literatura surgiu em 1926, quando o jornalista Mário Filho reinventou e aperfeiçoou o gênero - ou subgênero, como distingue LUCENA (2003) - ao conceder-lhe espaço nobre no jornal de sua família, o diário *Crítica*. Mário Filho foi o responsável por imprimir dinamismo, criatividade e emoção à cobertura esportiva, e dar ao Jornalismo Esportivo nascente mais espaço e legitimidade dentro da ocupação que se profissionalizava, com lembra seu irmão Nelson RODRIGUES:

Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página [...]. Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês [...]. O cronista esportivo começou a mudar até fisicamente. Por outro lado, seus ternos, gravatas e sapatos acompanharam a fulminante ascensão social e econômica. Sim, fomos profissionalizados por Mário Filho. (RODRIGUES, 2007, p; 75)

Nelson, um dramaturgo talentoso e famoso pelas crônicas sobre o carnaval do Rio de Janeiro, era também apaixonado por futebol e imprimiu grandes doses de dramaticidade, paixão e espírito torcedor aos textos. Esse cenário, porém, refletia uma tendência do período: como não havia uma divisão rígida entre repórteres por editoria, e como o jornalista fazia um pouco de tudo, muitos cronistas que narravam o carnaval ficavam também responsáveis pela seção de polícia e obituários e pela descrição dos jogos, onde os adjetivos e uma postura mais amadora eram comuns. .

Foi esse estilo grandioso e eloquente de se narrar os *matches*, porém, um ponto de desequilíbrio e divisão entre o time de profissionais da nascente crônica esportiva. Alguns jornalistas, em oposição à turma de Mário Filho, Nelson e Cia. consideravam o esporte e o futebol uma atividade educacional e cívica, que não poderia ser narrada por torcedores, mas por profissionais, com imparcialidade, sem arroubos emotivos, com técnica e perícia.

“(...) o esporte era atividade educacional. Tinha de ser tratado educativamente, tecnicamente. Não era possível deixar a parte jornalística, de alta responsabilidade perante o público, entregue ao noticiário de torcedores (...)”. (SALOYA, 1941, in TOLEDO, 2002, p. 162).

Assim, explicitando o que acreditava ser um dos maiores problemas da crônica de sua época, a improvisação, Saloya censura uma certa concepção despojada de uma certa linha editorial, provavelmente vista como concorrente, inaugurada, inventada ou difundida pela família

Rodrigues que, deliberadamente, misturava postura torcedora com especialista, emoção com objetividade, no registro dos fatos esportivos (TOLEDO, 2002, p. 162-163).

Já Nelson Rodrigues, o expoente máximo do jeito torcedor de se fazer crônica esportiva, acreditava que a incapacidade ou recusa do jornalista em dar asas à imaginação no momento de narrar um fato esportivo denotava fracasso ou falta de talento literário. Dois trechos de duas crônicas suas dão uma idéia dessa visão:

“(...) O profissionalismo torna inexequível o juiz ladrão. E é pena. Porque seu desaparecimento é um desfalque lírico, um desfalque dramático para os jogos modernos (...)”. (RODRIGUES, Manchete Esportiva, 31/12/55, in TOLEDO, 2002, p. 164).

(...) Vejam vocês em que dá a mania da justiça e da objetividade! Um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria à espúria e chata realidade um sopro de fantasia (...). Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente um fracassado. Sim, amigos, o fato em si mesmo vale pouco ou nada. O que lhe dá autoridade é o acréscimo da imaginação (...) (RODRIGUES, Manchete Esportiva, 31/03/56, in TOLEDO, 2002, p. 164).

Posteriormente, com o desenvolvimento tecnológico, a criação de escolas de jornalismo e a adoção, pela imprensa brasileira, de algumas técnicas advindas do jornalismo norte-americano, como a noção de objetividade e o conceito de pirâmide invertida, concomitantemente à passagem do futebol da categoria amadora à profissional, o próprio Jornalismo Esportivo se modificou. Os jornais passaram a adotar maior precisão e técnica em seus comentários e reportagens. Os floreios literários à la Nelson – o grande inimigo da objetividade - foram caindo em desuso. A formação do jornalista em geral, e do esportivo, em particular, foi se tornando cada vez mais sólida e completa, fruto da exigência do mercado e do aumento da procura de cada vez mais jornalistas esportivos pela área do futebol. O resultado foi a supressão dessa característica ‘torcedor apaixonado’ do cronista em nome de uma maior objetividade jornalística.

“O desenvolvimento do esporte fez a imprensa mudar o olhar e a maneira de trabalhar a formação profissional da área. A editoria de esportes, antes considerada um ofício para iniciantes, uma escola para os novos profissionais da imprensa, com a evolução do esporte e a especialização profissional, mudou o conceito acerca do esporte e reescreveu o perfil do jornalista esportivo: além de saber regras, devia

conhecer 'história, personagens, fatos, evolução no tempo, implicação cultural e social' "(BOTELHO, 2006, p. 328, in DA COSTA, 2002, p. 20).

Com o advento da reportagem, também houve ganhos inquestionáveis nessa área. Antes limitado ao espaço das crônicas, o Jornalismo Esportivo passou a ser objeto de grandes reportagens e entrevistas, e, muitas vezes, ganhou a primeira página dos jornais, com matérias investigativas, ou espaço nobre dentro de revistas como *Realidade*, que procuravam cobrir o assunto de outro ângulo – ao invés de matérias apenas sobre o placar ou a atuação dos jogadores, buscava investigar como era a vida de um árbitro de futebol, a concentração de jogadores às vésperas de um jogo importante ou a vida ingrata levada pelos técnicos. Obviamente, nesse cenário de embate entre a emoção da descrição e a frieza da objetividade, houve quem não conseguisse se adaptar com facilidade, como narra o jornalista esportivo Armando Nogueira, em crônica publicada no *Estadão* em 1997:

"(...) Minha tribuna é a solidão. O cronista vive mortificado na cruz da equidistância (...). Diante do olhar pretensamente isento do cronista desfilam o lírico, o patético, o cômico, o grotesco, o trágico (...). O cronista esportivo é um ser movido por um sentimento de justiça que o aproxima do árbitro, ponto morto do jogo, correndo como um fantasma na diagonal do campo. A imparcialidade me marca corpo a corpo a vida inteira, querendo arrancar do meu coração o doce espinho de uma sufocada paixão clubística (...)" (NOGUEIRA, in TOLEDO, 2002, p. 168).

Como se verá adiante, hoje, o desafio do jornalista é voltar a cobrir o esporte com a paixão que abundava nos tempos de Nelson Rodrigues e Armando Nogueira, aliada, obviamente, com o profissionalismo e a ética adquiridas pela categoria ao longo das décadas, fruta da instalação de faculdades de jornalismo no país, do avanço da tecnológica e do estabelecimento de códigos de ética e conduta próprios. Em suma, pode-se dizer que, atualmente, o que se espera da cobertura esportiva brasileira é um retorno às grandes reportagens que marcaram o gênero nas décadas de 60 e 70, complementadas com a criatividade e a paixão que caracterizaram os anos 30 e 40.

### 3.1 O Jornalismo Esportivo atual e seus dilemas

Hoje, segundo TOLEDO, a categoria de pessoas que escrevem sobre futebol para os meios de comunicação se divide em, basicamente, três:

“Primeira: a que se legitima por um discurso mais identificado e afinado com o domínio torcedor, incorporando a imponderabilidade e a emoção, comumente atribuídas, por esses próprios especialistas, aos torcedores.

Uma segunda, que abriga numerosos ex-jogadores, ex-treinadores ou ex-técnicos, que após as carreiras ‘dentro de campo’ se tornaram comentaristas esportivos, dedica-se, na maior parte de sua prática, às polemicas estritamente técnicas, consolidando um discurso cujo tom prima por uma análise desapassionada e distanciada, mais tecnicista, portanto.

E uma terceira, que enfatiza aspectos políticos do futebol profissional, mais atenta e engajada às mudanças institucionais, dialogando diretamente com as elites dirigentes do esporte” (TOLEDO, 2002, p., 160-161)

Os expoentes das três categorias expostas estão bem definidos no Jornalismo brasileiro. Na primeira incluem-se, por exemplo, jornalistas que não exercem mais a atividade de reportagem, ou que a exercem com raridade, dedicando-se mais ao Jornalismo Esportivo de opinião, como é o caso de colunistas/comentaristas como Milton Neves, da *Rede Bandeirantes*, e Juca Kfourri, da *ESPN* e *Folha de São Paulo*. No segundo time se encaixam ex-jogadores como Neto, da *Rede Bandeirantes*, e Casagrande, Falcão e Caio, e ex-árbitros como Arnaldo César Coelho, todos da *Rede Globo*. No terceiro grupo, jornalistas mais envolvidos com a reportagem, como Paulo Vinicius Coelho da *ESPN* e *Folha de São Paulo*, André Rizek do *SporTV* e Fernando Fernandes da *Rede Bandeirantes*.

O grande dilema do Jornalismo Esportivo brasileiro hoje reside em dois aspectos, cujos personagens são os dois primeiros grupos catalogados logo acima por Toledo. Com a formação precária de muitos jornalistas, fruto de contingências que não cabem ser discutidas aqui, e com a espetacularização da cobertura jornalística – onde celebridades são convidadas a exercer um papel que é do jornalista, o de mediador e de difusor de conhecimento e informação – muitos canais de TV vêm optando por admitir entre seus quadros de comentaristas ex-jogadores, ex-técnicos e ex-árbitros, que passam de convidados a protagonistas da cobertura esportiva. Da mesma forma, seguindo caminho inverso, profissionais da imprensa chamados de ‘corneteiros’ vêm deixando cada vez mais de lado a reportagem, a busca por informação, o trabalho de campo e a investigação em busca do

comentário puro e simples, transferindo para as mesas redondas de TV os comentários de botequim.

E, atualmente, de forma oposta ao que acontecia antigamente, a reclamação de quem atua no meio é justamente a falta de brilho e de emoção nas reportagens e crônicas esportivas. A cobertura dos esportes e do futebol por emissoras de TV, rádios, jornais e revistas soa repetitiva e monótona, as perguntas são sempre as mesmas, e as entrevistas coletivas são frequentemente um apanhado de clichês, uma reclamação constante de técnicos e jogadores. Não se vêem igualmente matérias de fôlego, como grandes reportagens, sendo publicadas por revistas especializadas. Ficaram num passado distante matérias como aquela que rendeu o Prêmio Esso de Jornalismo de 1982 à *Revista Placar*, sobre a máfia da loteria esportiva brasileira.

Nelson Rodrigues, nosso maior dramaturgo, foi também nosso maior cronista esportivo. Mas seu jeito shakespeariano de contar uma partida de futebol parece ter morrido junto com ele. Hoje, o que se vê nos cadernos de esporte é um jornalismo chato, massificado e burocrático. Quase não há vozes dissonantes na área esportiva da imprensa escrita brasileira (...). A falta de imaginação para boas pautas, que fujam do preguiçoso esquema preparação-jogo-repercussão, deixou os cadernos de esporte um espaço de leitura banal, em que o mais do mesmo é regra. Sem contar, claro, nos inúmeros comentaristas que se abundam na imprensa esportiva. (...) Como se não fossem suficientes ex-jogadores, ex-árbitros e ex-técnicos falando de futebol, agora até os torcedores são comentaristas, como se qualquer um tivesse algo relevante a dizer. Não têm. E isso deixa a leitura de cadernos de esporte empobrecida. Pura perda de tempo — de quem escreve e de quem lê. (REBINSKI JÚNIOR, Digestivo Cultural, 27/08/2008)

Segundo COELHO, há também uma idéia comumente difundida entre jornalistas e cidadãos que consomem material jornalístico esportivo de que 'de futebol, todo mundo entende, assim como de buraco de rua', e, portanto, o editor-chefe ou diretor de redação tende a colocar para cobrir uma matéria de futebol um jornalista que às vezes nem entende do 'riscado', daí porque o jornalista que trabalha na área voltou a ser considerado pessoa de pouco brilho intelectual, alguém que não se deu bem em editorias mais 'nobres' como a de cultura ou política. Hoje, buscam-se mais emoção, profundidade, paixão e conhecimento na cobertura esportiva, e menos o tom burocrático e monótono que vem sendo apresentado nas bancas. E, se antes, o jornalista esportivo sofria preconceito e a pecha de amador e desprovido de talento e competência por torcer demais e possuir conhecimento

técnico de menos, hoje sofre preconceito, às vezes fundado, pelo deserto criativo em que se transformaram as páginas de esporte. Dessa vez, por possuírem conhecimento de mais, e brilho de menos.

A conquista do título, a jogada brilhante, a história comovente sempre fizeram parte do esporte. E sempre mereceram o tom épico que desapareceu das páginas de jornal e revistas e dos relatos de emissoras de rádio e de televisão (COELHO, 2003, p. 23).

Com base no cenário atual, dada a falta de matérias mais aprofundadas, de grandes reportagens sobre futebol, e muito menos sobre a instância dos torcedores, sempre postos em segundo plano em relação a jogadores, técnicos e dirigentes, as estrelas das quais todo jornalista quer obter um furo ou uma frase bombástica, é extremamente interessante e necessário que uma cobertura mais aprofundada e que reveja seus conceitos em relação ao universo de fontes ganhe espaço, se não nos meios de comunicação tradicionais, ao menos sob o suporte do livro reportagem. Como foi dito anteriormente, a área oferece um mundo de possibilidades, e expandir os limites de um gênero ainda vítima de tanto preconceito – inclusive dos próprios jornalistas – e ainda tão pobre de quadros - a ponto de necessitar de reforços vindos de profissionais que não são jornalistas, como ex-jogadores e ex-técnicos -, deve ser o objetivo de todos os profissionais de imprensa.

#### 4 TORCEDORES ORGANIZADOS – OS HOOLIGANS

Segundo a historiografia oficial, compilada por UNZELTE (2009, p. 9-21) o futebol moderno nasceu na Inglaterra, no século XIX. Antes disso, já era praticado na China 25 séculos antes de Cristo; em Roma, na época de Júlio César, e também no Japão, no ano 600 d.C., mas foi na Grã-Bretanha que ele tomou as formas e ganhou as regras com as quais é jogado hoje, daí a famosa alcunha 'esporte bretão'. Em seu início na Inglaterra, era jogado nos colégios de elite, e seus alunos o praticavam apenas como atividade lúdica e para manter a saúde e a boa forma. Até mesmo seu surgimento no Brasil se deve a um inglês, mais precisamente, a um brasileiro filho de ingleses, Charles Miller, nascido no bairro paulistano do Brás. Miller, em uma viagem que fez à terra de seus pais, conheceu o futebol e o rúgbi, e 'importou' o primeiro para as terras brasileiras em 1895, com duas pelotas que trouxe na bagagem.

Foi na Inglaterra que surgiram as regras de arbitragem e os arranjos táticos que viriam a modelar o futebol jogado até hoje, embora muito dele tenha se aperfeiçoado e novos princípios tenham surgido com o maior desenvolvimento da medicina do esporte, da infra-estrutura dos complexos esportivos e até dos equipamentos, vestuários e acessórios, como bolas e chuteiras. E foi também na Inglaterra que surgiu um fenômeno curioso, causador de uma das maiores ondas de violência que já acometeu o esporte até os dias atuais: o **hooliganismo**.

O termo hooligan, o torcedor adepto do hooliganismo, tem duas origens distintas: a primeira se relaciona com uma família irlandesa de sobrenome Houlihan, que viveu em Londres em meados do século XIX (COSTA, 1993, p. 25, in PIMENTA, 1997, p. 72). Os membros desse 'clã' notabilizaram-se em sua época pela violência e pela falta de sociabilidade, daí porque o termo passou a ser usado para designar jovens baderneiros organizados em gangues. A segunda afirma que o termo advém de um livro publicado em 1899, *Hooligan Nights*, de Clarence Hook. A obra conta a história de um garoto, Patrick Hooligan, que mata um policial, é preso e morre enquanto cumpre a pena (PIMENTA, 2004, p. 254).

O fenômeno propriamente dito, segundo PIMENTA, nasceu nos anos de 1960, e possui duas explicações distintas. A primeira é que o hooliganismo seria fruto da estrutura de classes presente na Inglaterra. Os *hooligans* eram filhos de

operários que viviam num estado de miséria, marginalidade, desemprego, falta de estrutura familiar, alcoolismo e desintegração social extremos, e estes reproduziram em suas relações com os demais torcedores o modo de vida de seus bairros.

Já uma segunda corrente estudiosa do hooliganismo afirma que os *hooligans* são grupos de jovens advindo dos mais diversos estratos sociais (e não apenas das classes baixas), adeptos dos mais diferentes estilos de vida e ideologias, como os *teddy-boys*, os *rockers* e os *skinheads*, que se reúnem para assistir a partidas de futebol. Nesse caso, a postura agressiva dos *hooligans* não se deve à cultura de uma classe social específica, mas a uma cultura mais ampla de valorização da força física e do enfrentamento. Aqui, cabe ressaltar que, ao contrário da imagem comum, nem todo hooligan é skinhead, assim como o contrário também não é verdadeiro. Nem todo skinhead aprecia futebol, e nem todo hooligan compartilha das ideologias skinhead, como o projeto político nazi-fascista e o xenofobismo.

Para essa (*segunda*) corrente de pensamento, a mídia e a cultura de massa são instâncias fundamentais e indispensáveis na divulgação das ações desses jovens, importantes tanto para a consolidação do movimento como para a reprodução de grupos, por toda a Europa, com as mesmas características (PIMENTA, p. 251, 2004).

Segundo Pimenta, “a identidade de um hooligan incorpora a cultura produzida nos movimentos de jovens da década de 1960, mas a supera e constitui uma identidade própria, agora especificamente associada ao futebol” (p. 251, 2004).

Os hooligans ficaram famosos – e aí a exposição na mídia é fundamental para atrair os jovens e aumentar ainda mais sua visibilidade – após a Copa de 1966, disputada na Inglaterra, quando os anfitriões levaram o título. A partir de então, ocorreu uma escalada de violência que atingiu países como Polônia, Croácia, Rússia, Holanda e Itália.

Um grupo de hooligans compõe a ‘firma’, um agrupamento de torcedores em torno de um chefe ou de um comandante que é a pessoa mais respeitada dentro do grupo. Tal respeito deve-se à capacidade individual de aglutinar, em torno de si, pessoas afins. Aos poucos, essas pessoas estabelecem valores e estilos próprios, como cantos, ‘gritos de guerra’, comportamentos, modos de vestir, determinados cortes de cabelo etc. No início, encontram-se ligados por fortes laços formados na vizinhança em que habitam, nos locais de trabalho, estudo ou de jogos. Por exemplo, os *Blades* (hooligans torcedores do Sheffield United) são constituídos por amigos de longa data; e os *Headhunters* (hooligans do Chelsea) são formados por moradores de certas áreas nos arredores de Londres. No grupo, a confiança é adquirida à medida que o novo membro demonstra identificação com os valores dos companheiros e corresponde às

expectativas destes. Por serem grupos fechados, estes só incorporam pessoas indicadas por membros do próprio grupo. (PIMENTA, 2004, p. 254).

Em 1984, o jornalista norte-americano Bill Buford, numa volta de trem para casa, em Londres, observou que uma horda de torcedores brigava com a polícia dentro da estação. O jornalista observara que já há algum tempo aqueles conflitos tomavam conta de Londres e algumas cidades inglesas e britânicas, e resolveu conhecer melhor aquele tipo de torcedor. Para realizar seu objetivo, disfarçou-se de hooligan e passou a acompanhá-los em todos os lugares: em estádios, nas ruas, em excursões ao exterior e para outras cidades. O resultado transformou-se no livro *Entre os vândalos – a multidão e a sedução da violência*, e é um retrato estarrecedor de como a violência, o vandalismo e a falta de ocupação tomou conta do cotidiano dos torcedores ingleses. A obra, embora de cunho jornalístico, tornou-se referência e é citada em todas as obras sócioantropológicas consultadas para esse trabalho, como as de autoria de Luiz Henrique Toledo e Carlos Alberto Máximo Pimenta.

Eu estava intrigado com o Manchester United fazia algum tempo. Até maio de 1985, os times ingleses jamais haviam sido proibidos de atuar no continente; os torcedores do Manchester United, entretanto, o foram; pelo próprio time. Interessava-me descobrir como eram esses torcedores. Parecia algo extraordinário que a direção da equipe tivesse interditado a presença de sua própria torcida (BUFORD, 1992, p. 21).

*Mas há diferenças importantes entre os hooligans europeus e os torcedores organizados do Brasil.* Segundo Pimenta, o que diferencia um de outro “é a afinidade político-ideológica de extrema direita dos hooligans e a quase ausência de burocracia na organização. (...) não possuem uma estrutura com quadro associativo e registro formal em cartório, como as torcidas organizadas. Além disso, não aceitam candidatos com posturas e estilo de comportamento diferentes dos adotados pelo grupo” (2004, p. 255). Ao contrário destas, que têm nome e são fáceis de se distinguirem, os hooligans não têm ‘rosto’: não agem de forma organizada, não usam símbolos, camisetas e são anônimos em comparação com os torcedores organizados.

Outra diferença é que os torcedores organizados não estão constituídos politicamente em torno de uma ideologia, como é o caso dos hooligans em relação ao racismo, o nazifascismo, o machismo ou a homofobia. No Brasil, poucos membros são politicamente ativos ou pertencem a algum partido político. Com os

hooligans, o fanatismo excede o futebol e se reflete na intolerância contra negros, judeus, ciganos, árabes, hindus, asiáticos e latinos, algo que não acontece aqui, visto que a miscigenação e a diversidade étnica da população brasileira também estão presentes no 'microcosmo' das torcidas organizadas.

#### **4.1 Uma diferenciação**

Antes de avançar no assunto, é preciso fazer uma diferenciação rápida, que será aprofundada posteriormente, entre torcida uniformizada e organizada. A primeira, como o nome sugere, é um agrupamento de torcedores que se diferenciam dos demais apoiadores por vestir um uniforme, ou seja, camiseta, faixas e adereços comuns a todos os uniformizados, e que se juntam para torcer pelo time nos estádios sem estarem organizados de forma mais elaborada, através de filiação a uma torcida. Sua principal característica é serem lideradas pelos *chefes de torcida*, e serem administradas por alguém ligado institucionalmente ao clube. Foram criadas com o intuito de levar mais festa aos estádios e apoiar os jogadores e comissão técnica/dirigentes. Surgiram em meados da década de 1930 e 1940 no Brasil e hoje estão pouco presentes nos estádios. As uniformizadas, de toda forma, foram as que abriram caminhos para o surgimento das organizadas.

As torcidas organizadas são um conjunto mais complexo. São burocraticamente organizadas, possuem regras estatutárias, seus membros (presidentes e diretores) são eleitos por voto direto, e constituem-se em uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com sede própria e licenciamento para venda de artigos esportivos. Têm autonomia em relação aos clubes e eventualmente entram em choque com os mesmos. Surgiram entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970.

#### **4.2 Torcidas Organizadas no Brasil - As pioneiras**

A 'mãe' de todas as torcidas organizadas que hoje vemos no Brasil nasceu nos anos de 1940, pelas mãos de um homem chamado Jaime Rodrigues de Carvalho. Não era necessariamente uma torcida, mas uma banda musical, a Charanga, que animava os jogos do time do Flamengo e tinha um objetivo em

comum com as torcidas de hoje: apoiar o time em suas partidas. A primeira partida em que a Charanga esteve presente foi na final do Campeonato Carioca de 1942, em um clássico estadual: um FlaxFlu que terminou empatado em 1x1, em 11/10/1942.

O nome foi um apelido dado pelo famoso locutor e torcedor rubro-negro Ary Barroso, que comentou em seu programa na Rádio Tupi: “Me desculpem, mas isso não é banda nem aqui nem no caixa-prego”; A duvidosa qualidade sonora do grupo deu origem ao apelido gaiato de charanga, o nome pegou e a Charanga passou a ser a primeira torcida do maior clube do Brasil. (Flapédia; Site Oficial do Clube de Regatas Flamengo).

Além de apoiar o time do Flamengo, a Charanga também tinha outro ‘objetivo’, mais pitoresco: atrapalhar o time adversário com suas músicas mal executadas. A desafinação era uma forma de desviar a concentração do rival, e até ‘tirá-lo do sério’. Como ficava posicionada sempre atrás do gol do time adversário, atrapalhava em especial a atenção do goleiro do outro clube.

(...) fato interessante aconteceu em um jogo contra a equipe do São Cristovão: quando o Flamengo fez o seu quarto gol, o goleiro do time adversário perdeu a paciência e foi reclamar com o juiz sobre a torcida, que o perturbava atrás do gol. O juiz ordenou a retirada imediata da Charanga do local e o caso terminou na Justiça Desportiva. Além de anular a partida, alguns dirigentes queriam banir a Charanga em definitivo dos jogos. Alguns adversários chegaram a dizer que aquela bossa de grupos musicais nos estádios do Rio “era a maior chatice descoberta pelo homem”, mas a proibição não foi atendida pelo presidente da Federação Metropolitana de Futebol, Vargas Neto. (Flapédia; Site Oficial do Clube de Regatas do Flamengo).

Na década de sessenta, Jaime enfrentou uma série de doenças e teve de se afastar da Charanga, o que gerou várias disputas internas entre os membros. Foi justamente a ala mais jovem da uniformizada que se separou da Charanga, vindo a criar a torcida Poder Jovem, que mais tarde se transformaria na Torcida Jovem do Flamengo. Antes de morrer, em 1976, Jaime de Carvalho passou a direção da Charanga à sua mulher, mas a primeira uniformizada do país perdia cada vez mais espaço no clube, e também nos estádios, tendo de se deslocar para as cadeiras dos anéis inferiores do Maracanã. Na década de 1980, retirou-se definitivamente dos estádios, passando a freqüentar apenas os eventos sociais do clube. Segundo informações do site do Flamengo, a Charanga voltou a freqüentar o Maracanã em 2008, sem grande repercussão.

O fato de o Rio de Janeiro ter sido o lugar onde os torcedores deram seus primeiros passos como parte do espetáculo que é o futebol se deveu a um homem em particular: Mário Filho, o jornalista que dá nome oficial ao estádio do Maracanã.

Assim como seu irmão mais famoso, Nelson Rodrigues, Mário era fanático pelo futebol, mas, além disso, era também um homem de visão. enxergou o futebol não apenas como um jogo, mas um mundo de possibilidades, onde todos teriam lugar: clubes, jogadores, imprensa, empresas e, claro, os torcedores. Foi ele o criador do primeiro diário esportivo do Brasil, o *Mundo Esportivo*, em 1931. Pode-se dizer que foi esse jornal, pelas mãos e mente de Mário Filho, o criador do carnaval competitivo do Rio, outra paixão brasileira ao lado do futebol. Para ilustrar, uma deliciosa história que dá conta desse pioneirismo, contada pelo jornalista Alex BELLOS:

Na época do carnaval, as comunidades negras do Rio de Janeiro costumavam desfilarem espontaneamente pela cidade. Já havia uma competição informal entre os grupos que tomavam parte. O Mundo Esportivo aproveitou a oportunidade e transformou o acontecimento num emplumado concurso. O jornal criou uma lista de categorias e indicou uma comissão para julgá-las. O evento teve tanto sucesso que vem se repetindo a cada ano desde então. Cresceu até se tornar a principal atração das festividades. O desfile das escolas de samba no carnaval do Rio é, na verdade, uma competição inventada por jornalistas esportivos. (BELLOS, 2002, p. 111).

E foi com atitudes inovadoras e criativas como essa que Mário Filho alçou as torcidas a autênticas protagonistas do mundo futebolístico. Segundo BELLOS (2002, p. 111), Mário “foi a primeira pessoa a encorajar os torcedores a transformarem as arquibancadas em partes do espetáculo. Em 1934, quando era o editor de esporte de *O Globo*, lançou uma competição entre as torcidas do Flamengo e do Fluminense. Incentivou os torcedores a levar tambores, instrumentos, bandeiras coloridas e fogos de artifício aos jogos – sendo vencedor o lado que fizesse as maiores demonstrações de euforia. As motivações de Mário não eram especialmente filantrópicas – agia assim porque aumentava o interesse pelo futebol, vendendo mais jornal”.

A Charanga, embora possa ser considerada uma uniformizada, não nasceu com esse propósito – tornou-se a torcida oficial do clube ao longo dos anos. Já o primeiro clube a criar a sua uniformizada foi o São Paulo Futebol Clube (S.P.F.C.), no final dos anos 30, no bairro paulistano da Mooca, segundo conta seu fundador,

Manoel Raymundo Paes de Almeida no livro *São Paulo Futebol Clube – A saga de um Campeão*, de Ignácio Loyola Brandão. Era a Torcida Uniformizada do São Paulo, a Tusp. Como o nome sugere, os torcedores torciam com uniformes e a torcida era administrada pelo próprio clube, que se encarregava de organizar excursões e pagar pelos deslocamentos. A Tusp surgiu de uma associação de dirigentes e torcedores, que formavam o Grêmio Tricolor. Entre os torcedores da Tusp estavam pessoas como Lima Duarte, Éder Jofre e Juca Chaves.

Em 1973, entretanto, uma ala da torcida uniformizada desentende-se com a organização da Tusp e se retira da agremiação, por acreditar que esta estaria por demais aprisionada à administração do clube, não podendo agir livremente. É nesse momento que surge a primeira torcida organizada do SPFC, a Independente, que, como o nome sugere, é a primeira torcida do SPFC a não ter nenhum vínculo com o clube. A primeira torcida organizada do país, entretanto, foi a Gaviões da Fiel, do Sport Club Corinthians Paulista, criada em 1969 para ‘fiscalizar’, como os próprios fundadores alegaram, a diretoria e os jogadores do time. O momento de criação da Gaviões deixa exposta a forte separação existente entre as torcidas organizadas e as direções dos clubes.

O grêmio [A Gaviões da Fiel] nasceu em 1969, num delicado momento político do país, por torcedores que tinham sido alijados de participação dentro do clube, numa fase de mudanças no futebol brasileiro. Este havia crescido, profissionalizado-se, e os clubes estavam se estruturando burocraticamente, fazendo gerar uma elite de dirigentes. Desse processo, foram alijadas camadas significativas de torcedores. No Corinthians, uma diretoria mais autoritária, respaldada pelo momento político nacional, acabou mostrando uma contradição entre a estrutura administrativa do clube e a paixão corintiana (time do povo, sem preconceito de cor etc.). Neste momento, alguns torcedores criaram uma organização que respaldasse suas reivindicações à diretoria do clube, cujo time não ganhava título havia muito tempo (...) A sua característica inicial era reivindicatória, evoluindo depois para se tornar um importante espaço de convívio e lazer entre seus associados (...) Numa cidade onde as alternativas de lazer, para determinada camada da população, são bastante limitadas, o grêmio prosperou. E prosperou a ponto de reivindicar a participação no carnaval. (COSTA, 1995, p. 8).

Hoje, a Gaviões é considerada a maior e mais famosa torcida organizada do país. Em 1982, sua participação foi essencial para alavancar o movimento conhecido como Democracia Corintiana, onde o clube passou a ser gerido de forma mais democrática, com a participação de torcedores, jogadores, técnicos e demais funcionários do clube. No mesmo ano, em plena Ditadura Militar, a Gaviões chegou

a levar para o Ginásio do Ibirapuera, num jogo do Corinthians, a famosa faixa que dizia: “Presidente quem escolhe é a gente”, em alusão ao direito da população brasileira de escolher o presidente da República<sup>13</sup>.

### 4.3 Histórico e contextualização

Segundo MÁRIO FILHO (1964, p. 20), citado por PIMENTA (1997, p. 65), desde as primeiras partidas com bola, no começo do século XX, no Rio de Janeiro e em São Paulo já havia nos estádios quem demonstrasse preferência por esta ou aquela agremiação, por meio de fitinhas com as cores do clube que a elite mandava confeccionar na Europa e que eram amarradas aos chapéus de palha. O primeiro passo para os primeiros encontros de torcedores se daria pouco depois.

Os torcedores, inclusive, também chamados assistentes pelos primeiros manuais técnicos e pela nascente crônica esportiva da época, foram um dos fatores que contribuíram para a profissionalização do futebol, ao tratá-lo como meio de diversão (que poderia gerar lucros e empregar pessoas, entre elas, os jogadores), e não apenas como um meio de socialização entre operários de fábricas ou como um instrumento para as atividades lúdicas e de saúde de membros da elite.

Assistência foi um termo muito comum usado pela imprensa esportiva até os anos 30, como pode ser constatado em A Gazeta Esportiva. Situação que definia o status de torcedores mais populares, que se contrapunham aos sócios, notabilizados pelos laços mais estreitos, mesmo de parentesco, com os integrantes dos clubes que se projetavam nos campeonatos patrocinados pelos clubes mais elitizados (TOLEDO, 2002, p 223).

De acordo com TOLEDO (1994, p. 23-24), a criação das torcidas uniformizadas no Brasil foi propiciada nos anos de 1930-1940 por um clima favorável do ponto de vista econômico e político. As conquistas trabalhistas propiciaram ao trabalhador maior aporte financeiro e tempo para ir aos estádios, às vezes até em companhia dos filhos e da esposa. Torcer era uma atividade social e as liberdades civis e políticas permitiam ao brasileiro reunir-se com este fim, discutir futebol nas ruas, parques e botequins sem ser incomodado pela repressão. “(...) as torcidas

---

<sup>13</sup> Fonte: [www.democraciacorinthiana.com.br](http://www.democraciacorinthiana.com.br)

cumpriam (...) este papel institucional de garantir aos torcedores certo espaço de exercício e participação coletiva na periferia do futebol organizado profissionalmente, historicamente marcado por um gerenciamento autoritário e elitista desde o seu surgimento como manifestação popular e simbolicamente relevante de nossa identidade”. (TOLEDO, 2002, p. 231).

Torcer, entretanto, não era um ato dissociado da efervescência social e política que vivia o país após a Revolução de 30 de Getúlio Vargas, tampouco estava livre das influências do nacionalismo e patriotismo característicos do período, típicos do nazi-fascismo que assolava o mundo nas décadas de 1930 e 1940. A Educação Física era matéria obrigatória nos colégios brasileiros e nas dependências do Exército, e praticar esportes era uma forma de moldar o caráter e preparar o cidadão para as exigências físicas e morais que a pátria lhe imporia, o que gerou um ambiente propício para o surgimento das torcidas uniformizadas. Estas eram ligadas ao clube, que por sua vez era dirigido por uma elite que também ditava os rumos do país à época do Estado Novo. Como afirma TOLEDO (2002, p.228), “essas primeiras organizações torcedoras evocam tais aspirações nacionalistas, com grande anuência e chancela dos setores da elite, que ocupavam os cargos dirigentes no âmbito dos esportes, os meios de comunicação e parte dos aparelhos do Estado”.

Como foi dito anteriormente, as uniformizadas eram dirigidas por pessoas ligadas ao clube, e se destacavam dos demais torcedores pelo vestuário idêntico e por uma organização embrionária, porém não burocrática. Os torcedores uniformizados realizavam “atividades que se somavam aos interesses e aspirações dos diretores das referidas associações esportivas” (TOLEDO, 2002, p. 226).

Em 3 de maio de 1943, o jornal A Gazeta Esportiva trazia numa matéria intitulada “A Torcida Líder em Ação”, duas fotos da facção uniformizada corintiana empunhando faixas de exaltação à pátria e aos jornalistas beneméritos dos esportes, cujas palavras expressavam os apelos sociais e políticos da época: “Para uma Pátria grande e raça forte; Salve! Cronistas e locutores esportivos”. Fatos que atestavam a plena convergência e mesmo uma simbiose entre esses torcedores e seus modelos de participação com as elites que comandavam o arranjo institucional do futebol, como acontece ainda com parte dos grupos torcedores. O papel atribuído a esses conjuntos de torcedores era preponderantemente, e na verdade não era pouco, propagar o futebol oficial dos clubes, dos dirigentes e demais artífices dos espetáculos futebolísticos, como a própria crônica especializada que os patrocinava. (TOLEDO, 2002, p. 228).

Durante a Ditadura Militar (1964-1985), torcer adquiriu outro propósito, mas ainda assim político, como à época do Estado Novo: unificar o país em torno de um único ideal, o de ganhar uma Copa do Mundo, como em 1970; despertar o orgulho de ser brasileiro nos cidadãos pela maestria de seus jogadores, que encantavam o resto do mundo; transferir o interesse da população da política para os 'desportos' e despertar nela o senso de disciplina e dedicação que o esporte exigia de seus praticantes.

A partir do final dos anos 1960 e começo dos 1970, a crise econômica pela qual passa o país também influencia o futebol. A venda de jogadores para o exterior, números de bilheteria em queda, alta dos preços dos ingressos e a massificação do futebol e sua conseqüente mercantilização, com clubes se unindo a empresas privadas, mudam o perfil do torcedor.

As torcidas sofreram de variadas formas tais mudanças. Ganham maior autonomia em relação às antigas torcidas, distanciando-se de seus clubes. Tornaram-se um "mundo à parte, com regras próprias e tropas especializadas" (LOPES e MARESCA, 1992, p.132, in TOLEDO, 1994, p. 26). Nesse momento é que passam de 'uniformizadas' para 'organizadas', ou seja, deixam de ser apenas torcedores vestidos com o mesmo uniforme e com ligações com as agremiações esportivas, para se tornarem pessoas jurídicas, burocratizadas e centralizadas, com autonomia e maior participação popular.

As torcidas organizadas são fenômenos mais recentes, e o surgimento das primeiras datas do fim da década de 60 e começo dos anos 70. Nesse período o Brasil caminha a passos largos em busca do desenvolvimento econômico e na medida em que a cidade de São Paulo avança no processo de aceleração urbana, as massas passam a ter um comportamento diferenciado nas arquibancadas dos estádios e começam a cobrar dos clubes, dos jogadores e dos dirigentes um melhor desempenho. A identificação desses grupos é percebida pela vestimenta, pela virilidade, pelos cânticos de guerra, pelas transgressões das regras legais, pelas coreografias, pelo sentimento de pertencimento ao grupo etc. As restrições socioeconômicas às pessoas que desejam fazer parte parecem que não existem, dependendo apenas de formalizar o vínculo e contribuir mensalmente, como é ao se tornar sócio de um clube de lazer. (PIMENTA, 1997, p 66).

Para TOLEDO (2002, p. 230), "*é relevante correlacionar o surgimento dessas instituições torcedoras num contexto mais amplo de valorização das instituições populares* (grifo meu) num período em que os direitos políticos e a cidadania

estavam cercados pelo então Regime Militar”, ou seja, para o autor, as torcidas organizadas foram uma alternativa de participação popular num momento em que as liberdades civis e políticas estavam restringidas ao extremo. Era uma forma de canalizar a energia para as reivindicações coletivas; no caso, por exemplo, da Gaviões da Fiel, melhor produtividade de jogadores e melhor administração dos dirigentes.

Desde o seu início até hoje, os membros, os idéias e a organização das torcidas organizadas não sofreram mudanças substanciais. Em linhas gerais, elas podem ser definidas como

um agrupamento de pessoas simpatizantes de um clube de futebol, sem fins lucrativos, estruturado de forma relativamente burocrática, com o objetivo de incentivar o time durante os jogos e defender a integridade do grupo nos momentos de confrontos físicos ou verbais com os adversários. Essas pessoas, na maioria jovens rapazes, são denominadas sócias da organização, e promovem eleições periódicas para eleger o quadro administrativo, composto por: presidente, conselheiros e diretores. Interações e reuniões sociais costumam acontecer na sede das agremiações. A estrutura administrativa das torcidas organizadas assume aspectos militaristas, contemplando estratégias de confronto aliadas a táticas de ataque e de defesa (PIMENTA, 2004, p.264).

De modo genérico, esses torcedores, não mais uniformizados e tutelados por dirigentes e crônica especializada; mais organizados, podem ser tipificados como predominantemente do sexo masculino, oriundos das classes populares e com idade variando entre quinze e dezoito anos, estudantes que, esporadicamente, exercem alguma atividade remunerada. Mas é preciso salientar que esse perfil típico-ideal não prepondera entre os subgrupos dirigentes destas organizações, muito mais complexas do ponto de vista etário, geracional e participativo do que se pode notar nas representações estereotipadas veiculadas na imprensa (TOLEDO, 2002, p. 230).

Muitas das características apontadas pelos dois autores continuam válidas até hoje. De fato, todas possuem uma hierarquia, que vai do sócio ao diretor, chegando ao vice-presidente e presidente, todos eleitos pelo voto direto. Os membros efetivos, denominados sócios, possuem carteirinha e podem votar e participar de reuniões na sede, onde são discutidos temas que vão da violência ao trabalho social e à festa promovida no estádio. A maioria dos sócios é jovem e está empregada. Embora as torcidas possuam características que podem ser facilmente identificadas, são, ao mesmo tempo, extremamente complexas em sua organização e composição, uma complexidade raramente compreendida e discutida pela imprensa, como citado anteriormente no capítulo sobre a cobertura esportiva.

#### 4.4 A violência X a paixão

O futebol, o famoso esporte bretão, é um esporte de contato, como gostam de apregoar jogadores e técnicos. Contusões são rotineiras, e pontapés, carrinhos, 'encontrões' e cotoveladas são normais, embora dignos de punições que vão de faltas e pênaltis convertidos em favor do time rival até multas e perdas do mando de campo. Para ilustrar, basta dizer que a força que o esporte exige e a violência que às vezes aflora em campo já foi motivo para que as mulheres fossem proibidas de jogar futebol, um esporte essencialmente masculino, para 'machos'.

Nesse aspecto, pode-se perceber que a violência sempre foi associada ao esporte, desde seus primórdios. Segundo PIMENTA (1997, p. 31), práticas ancestrais do futebol exercidas na China dão conta de que o exercício era visto como uma preparação bélica, com o uso constante da violência por parte dos dois grupos.

Na Inglaterra, país onde surgiu o futebol moderno, ele foi criado com objetivos diversos, e no Brasil, também era visto como diversão e forma de integração social entre funcionários de companhias onde primeiramente foi introduzido. As empresas criavam e patrocinavam os times, e convidavam seus funcionários a fazer parte do jogo, tanto porque era impossível formar dois times apenas com o número restrito de diretores e presidentes, tanto porque, assim, os funcionários criavam identificação com a empresa por meio dos times em que jogavam. Mas, mesmo com funções lúdicas e integradoras, o futebol sempre carregou uma simbologia de, senão violência, ao menos de concorrência, força e rivalidade, e o enfrentamento característico das partidas e a rivalidade em campo também se refletiam fora dele, nas arquibancadas e fora dos estádios. Evidentemente que a violência irradiada por uma partida não foi a única responsável pela onda de violência gerada pelas torcidas a partir dos anos 80, mas, com certeza, ajuda a entender esse enfrentamento contínuo envolvendo torcedores.

A violência que hoje assombra torcedores comuns, dirigentes, imprensa e sociedade em geral não é exclusividade dos tempos atuais; Distúrbios envolvendo torcedores já ocorriam à época das 'antecessoras' das torcidas organizadas, as torcidas uniformizadas:

Podemos constatar tal fato desde o ano de 1943, quando o jornal A Gazeta Esportiva e a Rádio Gazeta promoveram o primeiro campeonato das torcidas uniformizadas, iniciativa que buscava normatizar a conduta

torcedora nos estádios, já que, desde então, distúrbios, entreveros e uma variedade de modalidades transgressoras ganhavam uma dimensão significativa como um problema sério no futebol. Como em outros setores da própria sociedade, o futebol se consolidava definitivamente como um evento de massas. (...) É nesse período que jornais esportivos (...) começam a noticiar, de modo mais enfático, esquemas e 'táticas' de segurança e de prevenção de como evitar as brigas entre os assistentes, como atesta, por exemplo, matérias cujos títulos incorporam paulatinamente estas novas solicitações de adestramento do comportamento torcedor ante as demandas do profissionalismo crescente (TOLEDO, 2002, p.226- 227).

Entretanto, embora a violência esteja latente no futebol desde o início de seu desenvolvimento, seja dentro ou fora das quatro linhas, é inegável que o fenômeno atingiu seu ápice e constância a partir dos anos de 1970. Quais seriam as explicações de estudiosos para esse comportamento?

O inchaço populacional nas grandes cidades, a deterioração das relações familiares, o advento de uma sociedade cada vez mais consumista, a falta de oportunidades dadas à juventude e de políticas públicas de segurança efetivas certamente contribuíram para a violência no futebol a partir dos anos 1970-1980, seja nos estádios ou em espaços públicos, como estações de metrô, ônibus e ruas. Com esse desvirtuamento (adoção da violência em detrimento do espetáculo), o futebol deixou de ser espetáculo para virar uma exibição de quem tem a maior torcida, os membros mais violentos, os hinos mais carregados de palavrão. Como afirma MEIHY (artigo no *Jornal do Brasil*, 1990, in TOLEDO, 1994, p. 24), "ser torcedor hoje não é a mesma coisa do que ser torcedor em 1958, 1962 ou 1970".

Em estudo, PIMENTA (2002) ouviu junto à imprensa e aos torcedores quais são os principais agentes que influenciaram esse crescendo de violência e desumanização dos torcedores:

As explicações que se sucederam, restritas à observação dos discursos das 'autoridades esportivas' e dos 'torcedores', têm ressonância nas seguintes justificativas: má distribuição de renda; exploração dos dirigentes esportivos e líderes de torcida; efeitos da criminalidade; ausência de expectativa de futuro aos jovens; ausência do Estado, enquanto mentor de políticas de formação social; efeitos da pobreza; afrouxamento da ordem legal e das posturas repressivas das instituições de segurança e justiça; falta de emprego; miséria generalizada; familiarização com a violência; falta de infraestrutura nos estádios de futebol; má arbitragem; gozação dos adversários e derrota de uma partida de futebol.

O autor, entretanto, acredita que, embora essas causas não sejam desprezíveis, há outros fatos subterrâneos mais fortes que condicionam a violência desses torcedores, em especial os jovens.

*Não cabe atribuir as causas da violência, exclusivamente, às questões de classe social ou fatores estritamente econômicos (grifo meu) (...) Três aspectos se convergem para justificar e explicar a violência entre "torcidas": a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência social e coletiva; o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil, que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; e o prazer e a excitação gerados pela violência ou pelos confrontos agressivos. O que se arrisca, por derradeiro, dizer é que a violência caracterizou-se como parte intensa nas dimensões do cotidiano urbano contemporâneo, em especial dos grandes centros, sendo que uma pista importante, diante da intolerância da "comunidade" esportiva e das "autoridades públicas" ao movimento de "torcidas organizadas", cinge-se na indicação de que a repressão (policial, legal, etc.) contribui para manter uma "suposta ordem", porém, contribui, também, no deslocamento dessa massa jovem para outros movimentos de busca de prazer e de excitação. (PIMENTA, 2002).*

Outro aspecto importante é evidenciado por TOLEDO (2002, p. 232): a de que a violência não é característica exclusiva de torcedores ou torcedores organizados, estando presentes em outros agrupamentos, o que demonstra que o problema tem origem fora do esporte e causas mais profundas: “essa radicalização da conduta, que pode, repito, ser tipificada como predominantemente juvenil, acarretando uma sucessão de tragédias em torno do futebol, não consiste num fenômeno circunscrito *somente às manifestações esportivas de massa* no Brasil, como querem alguns observadores, *mas podem e devem ser analisadas em consonância com as mudanças na sensibilidade de outras esferas da vida social, e que transcendem as imposições de classe* (grifo meu) que se quer impingir ao tratar esses torcedores como integrantes das *classes perigosas* ou protagonistas de um comportamento irracional ‘de massa’”.

O autor ilustra, como Pimenta, que não se podem dar apenas contornos econômicos ou sociais à questão, afirmando ser a violência nas torcidas características de jovens de periferia, nem afirmar que essa (a violência) é uma exclusividade de torcidas organizadas. Na torcida, há pessoas de todas as classes e perfis, com diferentes históricos de vida, assim como não se pode negar o fato de que esse vácuo de identidade e perspectiva por que passam os jovens das organizadas, numa sociedade atomizada e consumista, também existem em outros agrupamentos, como na música ou em diversas tribos urbanas como as de skatistas, punks, skinheads, funkeiros etc., algo pouco evidenciado pela mídia.

No que concerne ao âmbito nacional, as modalidades variadas de transgressões juvenis vêm sendo analisadas por alguns autores que as vinculam a um contexto mais amplo e que dizem respeito aos impasses dos papéis desempenhados pelas instituições populares (...) há um desinvestimento popular em algumas instituições notadamente entre as vinculadas ao universos das religiões afrobrasileiras, associações de bairros e a esfera da sociabilidade lúdica, associando esse desinvestimento a um processo complexo de fragmentação local de determinados grupos e práticas culturais cujas conseqüências devastadoras resvalam na intensificação de certas praticas sociais intolerantes (...) (TOLEDO, 2002, p. 232).

Para citar o exemplo de que não é somente o jovem das organizadas que sucumbiu a uma onda de violência extremada, e que esse é um fenômeno mais abrangente, o autor cita um exemplo mais conhecido, o do jovem que se envolve com o tráfico.

No final dos anos 80, intensificou-se a presença jovem no tráfico de drogas, alimentado tanto por um reordenamento econômico na escalada do tráfico, vinculado necessariamente ao aumento da circulação e da demanda internacionais, quanto pelo desinvestimento aludido acima, que está numa relação simbiótica com certas manifestações contendoras e intolerantes de sociabilidade (...) (TOLEDO, 2002, p. 232).

Como se vê, para estudiosos do tema, a violência presente nas torcidas organizadas não é exclusividade desse grupo (está presente em outros universos), não é movida apenas por motivos econômico-sociais (já que há muitos torcedores de classe média e alta envolvidos em brigas) e pode ser tida como fruto de uma alienação e desencantamento do jovem (mas não só dele) frente ao modelo político, econômico e social imposto pela sociedade de consumo.

A violência entre as 'Torcidas Organizadas' também permeia esta rede de relações formada por um tecido social débil. A maioria dos filiados às 'Torcidas Organizadas' são jovens, em média de 13 a 22 anos de idade (...) e buscam a construção de suas identidades sociais. Assim, a violência aparenta funcionar como um instrumento de solidificação e de desenvolvimento da personalidade de seus membros, e os membros vêem nas 'Torcidas Organizadas' o espaço possível para suas manifestações individuais e coletivas (PIMENTA, 1997, p. 21).

Num modelo de sociedade como este, o jovem busca encontrar seu 'lugar no mundo' e construir sua identidade. Assim como há os que os encontram participando de igrejas (vide o crescimento da participação de jovens em igrejas como as

evangélicas, pentecostais e também a católica) ou se envolvendo com trabalho voluntário, há os que constroem sua identidade pela participação em uma torcida organizada, onde se sentem parte de uma 'família', de um grupo. PIMENTA finaliza afirmando que

(...) sabe-se também que o aumento vertiginoso de jovens associando-se às 'Torcidas Organizadas' pode ser explicado pelo 'fascínio' e pela idéia de 'segurança' que o grupo pode proporcionar, diante de uma sociedade de sobrevivência, de concorrência, de luta de todos contra todos, ou melhor, de um contra todos. Esse quadro se constrói, talvez, por terem os jovens uma necessidade de se agregarem a um grupo que transmita a sensação de força e coragem. *Não se pode conceber, em contrapartida, um isolamento da violência produzida pelos grupos de torcedores nos estádios de futebol e arredores, da violência presente no cotidiano das relações do indivíduo e dos grupos com a sociedade (...)* (1997, p. 26).

Embora o comportamento anti-social das torcidas seja um problema mais abrangente que não pode ser enfrentado apenas pelas autoridades esportivas, o sociólogo especializado em Sociologia do Esporte Eric DUNNING, uma das maiores autoridade no assunto futebol e violência, aponta um entre os vários passos a ser dados para a recuperação do que ele chama de papel civilizador do esporte:

É preciso ainda discutir o suposto papel "civilizador" dos esportes. Esta idéia surgiu no século XIX e depende, para sua operacionalização, da inculcação nos jovens, desde muito cedo, dos valores do amadorismo, como o *fair play* e a idéia de que competir é mais importante do que vencer. O profissionalismo – mistura do esporte com valores orientados pelo dinheiro –, a atitude de "vencer-a-qualquer-custo" que acompanha o esporte profissional e a pressão derivada do número de equipes e número de espectadores fazem com que seja difícil a sobrevivência de atitudes e valores amadores como o *fair play* (Horizontes Antropológicos, 2008, Unisinos).<sup>14</sup>

Devem-se mencionar também os aspectos positivos desse engajamento dos jovens com as torcidas organizadas.

Em uma entrevista concedida ao jornalista britânico Alex Bellos, para a confecção do livro deste, chamado *Futebol – O Brasil em campo*, um livro reportagem sobre os aspectos culturais, sociológicos, antropológicos e pitorescos que envolvem o futebol brasileiro, o antropólogo Luiz Henrique de Toledo afirma, a respeito da Gaviões da Fiel, mas que também vale para todas as outras torcidas uniformizadas com estatuto e função semelhantes, como as torcidas curitibanas:

<sup>14</sup> Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200009&script=sci\\_arttext&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200009&script=sci_arttext&lng=en)

“Eles eram pessoas humildes que se viraram contra a instituição. Foi uma revolta urbana que incluía a idéia de um pensamento político. Quando falam em ter uma ideologia, eles não são bobos. Eles têm razão” (2002, p. 127).

O estudioso afirma que, se dirigidas para as finalidades certas, as torcidas organizadas podem ser vistas como um dos poucos espaços legítimos de atuação política dos cidadãos, principalmente dos jovens, num país onde os partidos políticos ainda não têm grande apelo junto a essa faixa etária. “Eles vão contra a apatia geral. Provocam seus membros a olhar a sociedade de outra maneira. A pessoa na torcida organizada tem um apetite político. Pode ter começado porque gosta do futebol, mas, uma vez que faz parte dela, vê o mundo como político” (in BELLOS, 2002, p.128). Posição que certamente vai contra uma imagem do torcedor como “alienado”. No caso das organizadas, criar uma associação que tenha voz na direção de um clube – o qual interfere na economia, na especulação imobiliária, no trânsito, na qualidade de vida de um bairro e na cultura de um povo – é exercer atividade política.

Outro trabalho de interesse desenvolvido pelas torcidas, como aponta Toledo, é o trabalho social. Muitas delas adotaram essa iniciativa como parte de suas ações, tanto para melhor aproveitar seus quadros quanto para melhorar sua imagem junto à população. Um bom exemplo, para ficar no universo que interessa ao trabalho, é o projeto ‘Torcida Social’ criado em 2006 pela Império Alviverde e que presta assistência a mais de 40 instituições, todas indicadas à torcida pelo Ministério Público do Estado do Paraná. Entre as ações, estão a arrecadação de alimentos, roupas e brinquedos, doação de sangue e organização de eventos para crianças carentes, em épocas como Natal, Dia das crianças e Páscoa.

A torcida do Atlético Paranaense igualmente se engaja em atividades solidárias. Em parceria com o próprio clube, a torcida mantém uma escolinha de futebol no bairro Fazendinha, na periferia de Curitiba, mesmo local onde se encontra a sua subsede e onde são desenvolvidos projetos que visam a afastar as crianças e jovens da área do tráfico de drogas e do crime. Com a eleição do presidente da Fanáticos, Julio César Sobota, o Julião, para a Câmara de Vereadores de Curitiba, a torcida passou a atuar mais na área, e hoje, em parceria com a IAV, realiza palestras em escolas de Curitiba sobre a importância da boa convivência entre as duas torcidas.

Ainda em relação ao tema aspectos negativos x aspectos positivos das torcidas organizadas, é necessário fazer uma ressalva importante: o papel da mídia na cobertura e no destaque dado às brigas entre torcedores organizados. Seguindo a máxima de que “se o cachorro morde o homem, isso não é notícia, mas se o homem morde o cachorro, isso é notícia”, a imprensa vem noticiando com cada vez mais frequência episódios de conflitos entre as organizadas, mas os aspectos positivos geralmente são esquecidos.

Eric DUNNING lembra que o fenômeno do hooliganismo foi em grande parte alimentado pela mídia britânica, que superestimou seu poder e criou pânico na população às vésperas da Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra. Os ingleses, com medo de que a imagem do país como ‘o lar do fair play’ e do ‘espírito esportivo’ fosse arranhada, acabou por exagerar o poder de atuação desses grupos. A mídia explorou o medo e o drama, talvez numa tentativa de vender mais jornal.

Havia um problema crescente naquela época associado à delinquência juvenil, como os *teddy boys*, os *mods*, os *rockers* e os *skinheads*, mas o pânico da mídia contribuiu para a produção de uma “profecia autocumprida”, no curso da qual o problema do hooliganismo se tornou realmente pior. Os estádios de futebol passaram a ser definidos por candidatos a hooligan como arenas, para onde sempre iam “forasteiros” prontos para ser atacados. E a mídia explorou este fato (in *Horizontes Antropológicos*, 2008, Unisinos).<sup>15</sup>

Para o estudioso, o poder da mídia de estimular o conflito ou, ao menos, de superestimá-lo, é grande. Outros estudiosos, como a socióloga Heloísa Reis, alertam para o verdadeiro papel da mídia nesses episódios: o de discutir a raiz do problema, evitando o sensacionalismo e colaborando para um entendimento real de quem são esses torcedores. Também é importante evitar termos pejorativos e preconceituosos contra os grupos – como ‘facções’, termo associado ao crime – e repensar o foco que hoje se dá às matérias sobre as torcidas. Diz ela, em entrevista ao site *Universidade do Futebol*:

A imprensa é um ator que merece ser responsabilizado em grande parte, porque poderia dar um foco diferente às entrevistas com dirigentes, não os provocando a dar declarações em que a intolerância ao outro aparece. As pesquisas inglesas, de Norbert Elias e Eric Dunning, que foram os principais estudos sobre violência nos anos 1980 e 1990, verificaram que a imprensa falada e a escrita têm grande responsabilidade sobre a violência no futebol, principalmente quando a televisão repete muitas vezes cenas de

---

<sup>15</sup> Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200009&script=sci\\_arttext&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200009&script=sci_arttext&lng=en)

violência ou quando o jornal utiliza palavras bélicas para relatar os fatos ocorridos no futebol. O que foi feito, em termos de legislação, na Espanha, para minimizar essa questão? O sindicato da imprensa foi chamado por uma comissão e foi elaborado um termo de ajuste de conduta para que não se repetissem cenas de violência em dias de jogos, ou mesmo de invasão de campo. As imagens de brigas não podem ser exibidas mais do que três vezes durante seis segundos por uma mesma emissora de TV, no mesmo dia. Já as invasões de campo não devem ser veiculadas para não incentivar outras pessoas a agirem da mesma maneira.

Para a pesquisadora, é preciso que a imprensa reveja muitos de seus posicionamentos, especialmente aquele que se refere à defesa da extinção das organizadas. Para ela, a defesa desse ponto, além de demonstrar intransigência e desrespeito ao direito de associação defendido pela Constituição, denota preconceito e foge à responsabilidade jornalística de discutir de forma aprofundada as questões que afligem a população.

#### **4.5 As torcidas organizadas de Curitiba**

Como foi mencionado anteriormente, esse trabalho se propõe a acompanhar e conhecer melhor a rotina, a organização e como pensam as torcidas dos dois maiores clubes da capital, o Coritiba Foot Ball Club e o Clube Atlético Paranaense, concentrando-se na maior de cada um deles: Império Alviverde e Os Fanáticos, respectivamente. As duas torcidas, coincidentemente, nasceram no mesmo mês e ano, outubro de 1977; a Os Fanáticos, foi fundada, segundo a história oficial da própria torcida, que se encontra em seu site [www.osfanaticos.com.br](http://www.osfanaticos.com.br), em 22 de outubro de 1977, 53 anos após a fundação do clube, em 1924. A Império Alviverde surgiu em dois de outubro de 1977, 68 anos após a fundação do Coritiba, em 1909.

##### **4.5.1 Torcida Organizada Os Fanáticos - TOF**

Como é comum no caso de muitas torcidas já mencionadas (como a do Flamengo e a do São Paulo, para ficar em apenas dois exemplos), a torcida organizada atleticana, cujo nome oficial é Associação Recreativa Torcida Organizada Os Fanáticos, surgiu do vácuo deixado pela torcida uniformizada ETA (Esquadrão da Torcida Atleticana), o mais importante apoio ao clube vindo das arquibancadas, que encerrou atividades no início de 1977. Já existiam na época

outras torcidas, como a Torcida Jovem – à qual Os Fanáticos se juntariam - e a TIA – Torcida Independente Atleticana. Embora, a partir de 1979, o time passasse a contar com uma estrutura burocrática característica das torcidas organizadas, como a realização de eleições para presidente e conselho (por aclamação, não através de voto por cédula), a relação com o clube era amistosa e até de cooperação.

(...) [Em 1980] conta-se que algumas pessoas que trabalhavam na portaria da Baixada deixavam alguns integrantes entrar sem pagar pelo portão lateral das roletas. Fato que tinha o “consentimento” de Ailton Fantinato, uma das primeiras pessoas a ajudar a Fanáticos. (...). O ano de 1980 também foi marcado pelo início do diálogo entre o clube e a torcida para que o grupo pudesse ter uma sala na Baixada para guardar faixas, bandeiras e instrumentos. (...) Em 1984, deu-se início um diálogo permanente com o clube através da doação de ingressos e colaboração em excursões (Site Oficial da Torcida Organizada Atleticana Os Fanáticos).

A Fanáticos possui hoje cerca de 150 sócios em dia e cerca de 20 mil pessoas vestidas com as roupas da torcida em dias de jogo, segundo sua diretoria. Como nenhuma das duas torcidas mantém um cadastro atualizado de seus membros, é impossível determinar qual agrupamento hoje possui o maior número de membros, embora costume-se ouvir, por quem acompanha futebol, que a torcida ‘fanaticana’ é a maior da capital. A história da torcida, que se encontra no site e é resultado de um livro lançado na época dos 22 anos da Fanáticos, conta um pouco sobre o início da organizada:

Enquanto uma integrante da torcida enviava cartas ao programa de televisão de Dirceu Graeser pedindo desculpas por algumas confusões causadas pelos jovens torcedores, outros membros da organizada lutavam para conseguir materiais que eram levados à Baixada. Para obterem bandeiras, por exemplo, os torcedores batiam à porta de várias atleticanos, pedindo colaboração, mas nem sempre eram ajudados. Foi com a ajuda de um dos proprietários do grupo Malucelli que conseguiram fazer 80 bandeiras e uma faixa de 50 metros. Já para conseguir bambus, o mutirão era outro. Quando alguém descobria um lugar onde tivesse bambu, o grupo conversava com o dono e pedia a doação de alguns “10 ou 12”, mas acabavam saindo com uns 50 escondidos. Isso quando os bambus não eram roubados, numa aventura em prol de uma boa causa, o que não deixava de ser perigoso. (Site Oficial da Torcida Organizada Atleticana Os Fanáticos).

Uma característica sempre lembrada pelos torcedores organizados no texto do site é a lealdade ao time em qualquer situação, a ponto de, segundo os próprios, em 1986 - ano em que o Atlético teve de trocar seu estádio, o Joaquim Américo,

pelo Pinheirão – os torcedores chegarem a limpar as arquibancadas e aparar a grama do campo do velho estádio.

No texto, fica claro que a torcida sempre manteve uma relação cordial com dirigentes, colaboração que permitiu que os torcedores até jogassem bola no estádio quando não havia jogos; e que mantivessem uma casinha nos fundos do Pinheirão para a realização de festas e churrascos e a manutenção de faixas e demais acessórios a salvo, além de um bar da torcida dentro do Joaquim Américo, quando a administração do clube voltou à Arena da Baixada, em 1989. Ainda segundo o texto, em 1992, quando da reforma do estádio Joaquim Américo, que traria de volta as partidas de mando do Atlético, a organizada arrecadou oito mil tijolos para colaborar na construção da obra.

Os Fanáticos possuem sede própria - ao contrário da torcida alviverde, que ainda luta para construir a sua – desde 1996, localizada próximo ao estádio da Baixada, na Rua Pedro Augusto Menna Barreto Monclaro, nº. 571, no Bairro Água Verde.

No quesito violência, o texto deixa bem claro o posicionamento da torcida: contra todo e qualquer tipo de ofensa física, embora a verbal – expressa claramente no famoso hino 'Atirei o pau nos coxas', repleto de palavrões e xingamentos – seja permitida e até incentivada. Segundo a torcida, sempre houve colaboração entre a Fanáticos e as polícias civil e militar no sentido de evitar violência e depredações do patrimônio público.

#### **4.5.2 Torcida Organizada Império Alviverde - IAV**

A torcida do Coritiba, Império Alviverde, mais conhecida como IAV ou Império, cujo nome oficial é Torcida Organizada Império Alviverde, nasceu sob a inspiração de outras duas organizadas do clube, a Torcida Jovem, a maior àquela época, e a Mancha Verde, todas surgidas em meados dos anos 70. Ao contrário da Fanáticos - que durante muitos anos manteve um relacionamento cordial com a direção do Atlético Paranaense - desde seu início a Império se caracterizou pelo confronto de idéias junto à direção do Coritiba, tendo rompido com seu presidente no início da década de 90, quando se tornou a primeira e mais importante organizada do clube.

Inicialmente, a Império se resumia a um grupo de amigos que se reuniam todos os finais de semana para assistir aos jogos do Coritiba. Esses jovens nunca imaginaram que a torcida poderia aumentar tanto, mas, com o passar dos anos, o Coritiba necessitaria de uma torcida que incentivasse e defendesse a nação Coxa-Branca, e a Império Alviverde assume este papel no início do ano de 1988. Em 1991, a torcida rompe com a diretoria do Coritiba após discutir com Evangelino Neves, tornando-se independente. (Site oficial da Torcida Organizada Império Alviverde).

No aspecto jurídico, a Império Alviverde só obteve seu registro em cartório 26 anos após sua criação, em 2003, com a criação de um estatuto, precedido pela inauguração do site ([www.imperioalviverde.com.br](http://www.imperioalviverde.com.br)) em 2002. A torcida ainda não possui sede própria – até dezembro de 2009, o espaço funcionava em uma sala anexa ao estádio Couto Pereira, sem custos para a torcida. Após o incidente de seis de dezembro, a torcida foi expulsa do local -, e atualmente trabalha pela arrecadação de fundos para a construção de seu espaço próprio na Região Metropolitana de Curitiba.

A torcida também possui um bar e uma loja credenciada para a venda de produtos oficiais da Império, como bonés, chaveiros, agasalhos e bandeiras, o que constitui sua fonte mais importante de renda, visto que nem todos os torcedores filiados pagam sua mensalidade 'religiosamente'. O site da torcida afirma que a organizada possui cerca de oito mil sócios (com poder de voto) e 35 mil integrantes no geral, mas o presidente, Papagaio, afirma que apenas cerca de 150 pessoas pagam a mensalidade em dia.

Desde seu nascimento, o maior revés sofrido pela torcida foi certamente o sentimento de desaprovação e repulsa que tomou conta da população em relação à Império após a invasão de campo do Couto Pereira por parte de alguns de seus integrantes, em seis de dezembro de 2009, quando o Coritiba foi rebaixado para a Série B do Campeonato Brasileiro. A invasão foi televisionada para todo o Brasil e capa de jornal em vários países. Logo após o final do jogo contra o Fluminense e a constatação do rebaixamento, dois anos após ter subido à série A – o time foi rebaixado pela primeira vez em 2005, e voltou à série A em 2008 -, alguns membros da Império (22 no total), entre eles o vice-presidente, Reimackler Graboski, invadiram o gramado, agrediram jogadores adversários, comissão técnica e policiais e ainda destruíram várias cadeiras das arquibancadas, que ficaram espalhadas pelo campo.

Após o episódio, extremamente condenado pela imprensa paranaense e pela população, todos os envolvidos identificados foram presos e denunciados à Justiça pelo Ministério Público. O vice-presidente foi indiciado por quatro crimes – tentativa de homicídio, lesão corporal leve e grave e invasão de campo – e aguarda o julgamento preso (também foi expulso da torcida). Logo em seguida, todos os comandos, com exceção do feminino, foram extintos – o mesmo aconteceu com as zonas da Fanáticos, após um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) assinado no Ministério Público estadual pelos dois presidentes. A Polícia Militar proibiu a entrada de torcedores com material com alusões à organizada – o Atlético Paranaense desrespeitou a decisão, mas o Coritiba, que pretende cobrar da Império na Justiça o prejuízo da invasão, manteve o veto, e rompeu com a torcida. Atualmente, a torcida realiza seus encontros na loja oficial e não pode entrar caracterizada no estádio. A diretoria do clube também deixou de agraciar a torcida com ingressos e ajudas para viagens.

## 5 AS MULHERES E O FUTEBOL

### 5.1 A mulher como atleta

O bordão é um clichê perfeito; quem nunca o ouviu? A frase “Futebol é coisa de homem”, ou sua versão mais rude, “para macho”, parece que nasceu junto com a invenção do esporte. Tido como uma atividade máscula, violenta, que exigia grande esforço físico, o futebol era a máxima representação da masculinidade; era a segunda natureza do homem (COSTA, 2006, p.3), logo, como poderia uma mulher exercer uma prática criada por e para os homens?

Embora ocasionalmente ocorressem jogos com equipes femininas no país (a primeira partida ocorreu em São Paulo, em 1921), a prática do esporte pelas mulheres era extremamente mal vista pela sociedade; ela chegou até mesmo a ser proibida no Brasil durante o governo de Getúlio Vargas (1937-1945). Em 14 de abril de 1941 surgia o decreto nº. 3.199, segundo o qual “às mulheres não se permitirá a pratica de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. O artigo de nº. 54 não dava detalhes de quais esportes eram incompatíveis com a função procriadora e maternal das mulheres, mas nem precisava. O futebol estava entre eles, ao lado do halterofilismo, do beisebol e de qualquer tipo de luta, como o boxe.

Durante a Ditadura Militar, o decreto foi regulamentado e as mulheres continuaram às margem do esporte. No mundo, a situação era um pouco menos desanimadora; naquela década (a de 1960) começam a surgir nos países escandinavos as primeiras equipes femininas, ainda assim, em sua imensa maioria, de atletas amadoras. O renascimento do futebol feminino (ou mesmo o nascimento da modalidade, visto que as iniciativas anteriores nunca tiveram expressão, reconhecimento ou legitimidade) se dá nos anos de 1990, quando a Fifa (Federação Internacional de Futebol) realiza a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 1991. Desde então, mais quatro torneios mundiais femininos já foram realizados, e em 2011 está previsto para ocorrer o 6º. Algo mudou?

Em países como China, EUA e Noruega, futebol é coisa de mulher, há ligas profissionais que pagam bem às atletas (em sua maioria com diploma universitário) e a imprensa cobre os eventos como a imprensa do resto do mundo cobre os torneios masculinos. Mas, no Brasil, a situação ainda é desafiadora. Segundo a CBF

(Confederação Brasileira de Desportos), há 400 mil atletas no Brasil, número irrisório em relação ao de atletas em atividade na Alemanha (quase dois milhões, segundo a Federação Alemã de Futebol, para uma população de 82 milhões de pessoas) e nos EUA (10 milhões delas, para cerca de 300 milhões de habitantes). Aqui, onde o salário médio de um bom jogador pode chegar a até R\$ 150 mil, as atletas brasileiras, vice-campeãs olímpicas e mundiais, e bi-campeãs panamericanas, precisam sobreviver com um salário médio de R\$ 500, ou com uma bolsa concedida pelo governo federal, o Bolsa Atleta, cujos valores vão de R\$ 300 a R\$ 2.500. Isso para quem conseguiu 'chegar lá', pois mais de 90% dessas 400 mil jogadoras não são profissionais, nunca chegaram a ganhar um campeonato (condição para ganhar o auxílio) e precisam enfrentar uma rotina de duplo emprego para custear o sonho.

Hoje, o país ostenta como trunfo o fato de que a melhor jogadora do mundo, Marta, é brasileira. Ganhadora três vezes do prêmio de melhor do mundo, Marta não joga em seu país. Ainda adolescente, foi jogar na Suécia, e mesmo quando ficou famosa, não pôde retornar, devido ao pouco incentivo das autoridades brasileiras ao futebol feminino. Foi jogar nos EUA, onde há uma liga profissional de atletas femininas. Atualmente, joga em um clube americano, mas de agosto a dezembro de 2009, jogou no Santos. O objetivo de Marta ao retornar, mesmo que só por um período de tempo, ao Brasil, era chamar a atenção das autoridades esportivas para as meninas que jogam futebol.

## **5.2 A mulher torcedora**

Os homens não apenas chegaram primeiro aos gramados. Eles foram também os primeiros torcedores, e, conseqüentemente, os primeiros torcedores organizados. E, assim como há um imenso abismo entre homens e mulheres quando o assunto é a prática do esporte e a profissionalização de seus quadros, há também uma colossal diferença entre o tratamento dado ao torcedor e o dispensado à torcedora. A questão é simples: torcer pressupõe entender e apreciar o futebol, e para entendê-lo, a prática e a familiaridade com o esporte são essenciais, algo que sempre foi negado, total ou parcialmente, ao sexo feminino. Hoje, mesmo com um número maior de mulheres jogando futebol, atuando como jornalistas esportivas, assistindo a partidas em estádios e participando de mesas redondas na televisão, a

imagem da mulher como alguém que não joga futebol, conseqüentemente não o entende, e, portanto, não tem legitimidade para torcer, continua. Como afirma COSTA (2006, p. 4), “esse contexto adverso faz com que seja comum pressupor que futebol é um tema sobre o qual as mulheres não possuem autoridade para conversar”.

Se hoje, mesmo com a evolução do futebol feminino, continua sendo difícil para uma mulher expressar amor por um clube sem ser alvo de piadas e preconceitos, no começo do século passado a situação era bem mais desencorajadora. O belo sexo feminino, naquela época, tinha uma nobre e específica função dentro dos estádios: embelezar os *matches*, como descreve o jornalista Mário Filho em seu livro *O negro no futebol brasileiro*:

O futebol prolongava aquele momento delicioso de depois da missa. As moças, mais bonitas ainda. Tinham ido em casa, demorando-se diante do espelho, ajeitando o cabelo [...] Na arquibancada, sentadas, abrindo e fechando os leques, sérias, sorridentes, quietas, nervosas, como que ficavam em exposição. No intervalo [...] os jogadores gostavam de aparecer um instante, suados, cansados, na arquibancada, para cumprimentar as moças.

O jornalista conta que as moças iam aos jogos com os pais, que observavam de perto a exibição de suas filhas. Futebol era programa de família, um ritual a ser cumprido todos os domingos pela alta sociedade, que ia ao estádio com suas melhores roupas e chapéus. O futebol ainda não havia se profissionalizado, os negros não tinham espaço nos clubes e as partidas eram assistidas em sua maioria por parentes, colegas de trabalho e amigos dos jogadores.

Desde o início do século XX, mesmo que a prática esportiva não lhe fosse recomendada, assistir às disputas de remo, às corridas de cavalo e aos jogos de futebol possibilitava à mulher experimentar o mundo para além dos domínios da casa. O futebol, assim como outras modalidades esportivas, proporcionou à mulher uma das raras oportunidades de exposição e entrada nos espaços públicos. Mas se o futebol foi útil para a mulher, o público feminino também foi muito importante para o estabelecimento desse esporte em terras brasileiras. Nas primeiras décadas do século XX, a presença de senhoritas da alta sociedade contribuiu muito para dar uma atmosfera fidalga ao esporte bretão, associando-o à elegância, tranqüilidade e beleza tornando-o, portanto, um esporte apropriado para as famílias mais abastadas. (COSTA, 2006, p. 7)

Muitas vezes, a mulher nem pagava ingresso na entrada dos eventos esportivos. A forma de pagamento era diferenciada: embelezar o acontecimento com

sua graciosidade, como fica claro nessa nota publicada no jornal O Estado do Paraná, em 18 de abril de 1925:

**O bello sexo não pagará entrada**

O bello sexo, que constitue sempre o grande encontro das nossas tardes desportivas, terá amanhã livre ingresso no campo do Club Athletico Paranaense. Assim sendo, lançamos um apello às gentis torcedoras para comparecerem ao campo, estimulando os jogadores dos seus clubes. (in SCHWINDEN, Edição do Autor, 2008).

A crônica esportiva também era pródiga em retratar a mulher de forma caricatural e preconceituosa, como informa SOUZA (1996; p 46), mas ninguém foi mais longe do que Nelson Rodrigues, criador da personagem “grã-fina de narinas de cadáver”, que, quando assistia a um jogo, perguntava a quem estava por perto: “quem é a bola?”.

Na mesma época em que Nelson Rodrigues destinava seu veneno contra as mulheres (e contra a imprensa esportiva, o videoteipe, os bons costumes...), surgiam também algumas personagens pitorescas que, se não eram um modelo ideal de emancipação da mulher torcedora, ao menos indicavam que elas não estavam totalmente vetadas do mundo do futebol: Dona Maria de Lurdes, a Vovó Tricolor torcedora-símbolo do Fluminense, Dona Elisa, a mais fiel entre os fiéis torcedores corintianos, e Dulce Rosalina, torcedora do Vasco, ganhadora do título de melhor torcedor do país. Mas a atenção especial que recebiam da imprensa, clubes e jogadores (davam palpite na escalação do time e bronca nos jogadores que faziam corpo mole e tinham até cadeira cativa no estádio, com direito a entrada franca) só era possível porque eram vistas como exceção, e não como a regra. Eram elemento raro. Além disso, sua atuação só era tolerada porque eram senhoras. Se fossem jovens mulheres na faixa dos 20 e poucos anos, talvez fossem proibidas ou repreendidas por ostentarem tal comportamento.

A condição feminina pode conceder alguns privilégios e esse aspecto fica bastante claro, principalmente, no caso das torcedoras-símbolo. Grande parte dessa tipologia de torcedora é composta por mulheres de idade madura, o que reforça sua dissociação da violência assim como a reveste de atributos maternos. (COSTA, 2006, p. 9-10)

Na década de 60, com as transformações estruturais por que passa o futebol, já citadas anteriormente, o torcer adquire novas funções e novos significados. Com o

surgimento das torcidas organizadas – com atenção especial para as torcidas jovens – são reafirmado os valores de masculinidade, virilidade e força que sempre estiveram associados ao esporte. Os cantos evidenciam o aspecto guerreiro do esporte; os jogadores são soldados, o gramado é um campo de batalha, acertar o gol é como acertar um inimigo. O jogador com maior número de gols no campeonato é o ‘artilheiro’. Os torcedores são o pelotão, sempre à disposição de seu clube para uma luta aguerrida. E como na guerra, os homens vão à luta; as mulheres ficam em casa. A elas, mais uma vez, cabe um papel específico e bem delineado, como exemplifica SOUZA (1996, p. 47).

Às mulheres resta o papel de auxiliares dos homens no futebol, torcendo em função de laços sociais próximos (com homens) e gerando condições favoráveis para que estes homens desfrutem do futebol. As mulheres talvez acompanhem o futebol em função de que homens próximos (marido, pai, irmão, namorado etc.) o fazem. Essa é a posição desejável para o feminino prescrita, através do futebol, como exigência para uma unidade viável da totalidade composta por homens e mulheres na construção da nação, pois a nação é também um projeto. Aponta para uma realização, para um objetivo.

Agora, a mulher nem sequer participa dos torneios como “vitrine” para outros torcedores e para os jogadores; não vai mais aos estádios exibir sua beleza e graciosidade. “Nessa época, as organizadas tiveram sua imagem fortemente vinculada à desordem e ao vandalismo e, provavelmente, isso tenha afastado muitas mulheres dos estádios.” (COSTA, 2006, p. 10). Ela fica em casa, por medo da violência que impera nos jogos, e por se sentir estranha em um ambiente onde a feminilidade não tem vez, onde é a testosterona que impera. Nessa época surgem também os estereótipos da mulher que odeia futebol, e que tem de competir com os jogos de fim de semana e na televisão a atenção do namorado ou marido. Esse pré-conceito acentua ainda mais a dicotomia mulher x futebol.

Tantos anos de predomínio masculino deixaram suas marcas no imaginário futebolístico. Para se estabelecerem como torcedoras, é preciso ir contra uma série de representações que fomentaram a idéia de que as mulheres e o futebol atuam em campos opostos. (COSTA, 2007, p. 5)

Com a criação do mundial feminino de futebol em 1991, começa a ficar claro para a sociedade que a mulher gosta, sim, de futebol. O evento é o primeiro passo para a valorização da mulher enquanto agente de um esporte até então predominantemente masculino. Ao mesmo tempo, o mercado e a imprensa

começam a esboçar sinais tímidos de que pretendem investir na mulher torcedora. Começam a surgir produtos esportivos destinados a esse nicho: camisetas baby-looks, brincos, pulseiras, bolsas e até roupas íntimas. Eventualmente aparecem nos jornais matérias sobre a torcida feminina, sempre sob a ótica do singular, do pitoresco. Nas torcidas organizadas, são criados os comandos, pelotões ou bondes femininos. – embora elas ainda não ocupem cargos de poder dentro das mesmas, como presidentes, diretoras ou conselheiras, e ainda precisem lutar mais para obter a mesma verba dos homens para a compra de faixas, bandeiras, instrumentos musicais e para a realização de viagens e encontros. Também são proibidas de acompanhar o grupo em algumas viagens consideradas perigosas.

Essa incorporação da mulher na esfera torcedora (COSTA, 2006, p. 2) também trouxe consigo uma necessidade: para a torcedora legítima, que se interessa por futebol e entende do assunto, é importante distinguir-se daquela que se convencionou chamar de “maria-chuteira”, a mulher que aproxima-se do mundo do futebol à procura de relacionamentos com jogadores, interessada não no talento futebolístico do profissional, mas em seu status social e financeiro.

E a figura da maria-chuteira não é nova no imaginário popular, daí a dificuldade de muitas torcedoras autênticas de se desvencilhar do rótulo. Em seu conto de 1927, *Corinthians (2) X Palmeiras (1)*, o escritor Alcântara Machado narra a história de Miquelina, que sempre se apaixonava pelo jogador do time vencedor. No começo, namorava Biaggio, do Corinthians, que vivia uma boa fase no campeonato. Com a ascensão do time do Palestra Itália, enamora-se de Rocco, jogador desse clube. Numa partida entre os dois, porém, o Corinthians leva a melhor, e Miquelina volta a namorar Biaggio. Nesse caso, pode-se até dizer que a versatilidade de Miquelina era demonstração de amor ao time, não a um jogador especificamente. De toda forma, já demonstra a relação ‘torta’ que as mulheres supostamente tinham com o futebol.

Devido ao fantasma dessa figura que ronda as mulheres que se interessam pelo assunto, é comum ver em sites de relacionamento – um local privilegiado em termos de manifestações de mulheres em relação ao futebol - cujas comunidades se dediquem às “mulheres que amam futebol”, discursos que insistem na diferença entre as marias-chuteiras e as torcedoras. Eis a descrição de uma comunidade, a

“MAF - Mulheres que amam futebol”, que possui, atualmente (até 15/05/2010), 250.194 membros e é a maior do Orkut.

### **Mulheres que amam futebol**

Aquelas que:

- amam assistir os jogos
- amam jogar
- amam ir ao estádio
- amam seu time
- amam tudo isso ao mesmo tempo

Estão cansadas de serem vítimas de preconceitos em relação aos homens por amarem futebol

Entrem e fiquem à vontade, expressem seu amor pelo seu time, sua experiência com algum homem preconceituoso, primeira vez no estádio (é inesquecível), micos, o que acham da situação (do clube) no campeonato etc.

Embora o preconceito contra as torcedoras assuma o discurso de que elas abusam de seus encantos femininos em detrimento da capacidade intelectual de analisar técnica e taticamente um jogo, há também o contrário: a idéia de que mulher que gosta de futebol é masculinizada, ou, para usar um tema muito freqüente, “machona”.

Tal absurdo já foi utilizado contra atletas mulheres e não raro as jogadoras precisavam enfrentar acusações até de homossexualidade. Em alguns países, as federações chegaram a determinar às atletas que se comportassem e vestissem de forma mais feminina durante as partidas, o que evitaria que suas imagens fossem associadas à homossexualidade e à virilidade, afastando com isso o público masculino que assistia aos jogos pela TV e nos estádios (ou seja, ao mesmo tempo em que se acusam as mulheres de se importarem demais com a aparência dos jogadores, as que se importam mais com o jogo são acusadas de serem masculinas demais, e se exige delas que sejam mais femininas e mais sensuais. E os homens, que acusam as mulheres de olharem apenas para as formas físicas dos homens em campo, quando assistem a uma partida jogada por mulheres, tampouco agem de forma diferente.).

Dois exemplos da mulher torcedora/ apreciadora do futebol que se comporta de forma viril e violenta, e que está entranhada na cultura futebolística nacional, apareceram em um programa que foi sucesso nos anos 90 na TV Globo, o *TV Pirata*. Eis a descrição feita por COSTA (2006, p. 21-22) a respeito das duas personagens:

A primeira delas é a presidiária Tonhão, vivida pela atriz Cláudia Raia. Uma das fugas dessa assediadora de colegas de cela foi motivada pela vontade de assistir a uma partida do Vasco da Gama. Homossexual assumida e sempre trajada com roupas masculinas, Tonhão distinguia-se pela brutalidade, mostrando-se sempre disposta a espancar alguém que cruzasse seu caminho. Não sem motivos, ela também costumava ser vista treinando boxe - outro esporte considerado masculino. Já a nossa outra personagem, Edicléia Carabina, era líder da torcida organizada botafoguense "Violência alvinegra". Igualmente violenta e masculinizada, Carabina, interpretada pela atriz Regina Casé, surgiu como convidada em um dos quadros do TV Pirata intitulado TV Macho cujo objetivo principal era exaltar, de modo irônico e debochado, valores de macheza e virilidade.

Embora as duas personagens sejam caracterizadas de forma exagerada – até por pertencerem a um programa de humor, gênero naturalmente debochado e politicamente incorreto por essência – vale lembrar que comportar-se de forma violenta foi uma alternativa encontrada pelas torcedoras, principalmente as de organizadas, para distanciar-se do emblema de sexo frágil, da figura da maria-chuteira e assim serem mais aceitas nesses agrupamentos primeiramente masculinos. Segundo a socióloga Heloísa Reis, em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo* em 08/03/2009, "há até cinco anos, era possível observar que as mulheres só eram bem aceitas nas torcidas se tivessem um comportamento semelhante ao masculino".

Hoje, há uma tentativa por parte das torcedoras de aliar o amor pelo futebol com a vaidade. A Império Alviverde criou uma linha exclusiva de roupas destinadas às integrantes do Comando Feminino. Na TV, já é possível ver mulheres comandando programas esportivos e participando de mesas redondas, a maioria com bons argumentos a respeito de lances de impedimentos e escalações. Mas, como em todas as áreas, ainda há muito preconceito. Como afirma CODDINGTON (1997, p. 11), "there remains a vital connection between women playing and supporting football". Para melhorar a condição das torcedoras brasileiras, será preciso, também, melhorar a condição das atletas, pois as duas modalidades estão fortemente imbricadas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração deste trabalho, foi possível perceber uma série de questões e implicações que não estavam claras ou sequer se mostravam no momento da escolha pelo tema em questão. A primeira delas é a dificuldade de apontar as causas que levaram as torcidas ao atual estágio em que se encontram – muitas delas divididas entre a violência e os esforços para erradicá-la. O que se concluiu é que classificar tal violência como fruto exclusivamente do mundo do futebol tem se mostrado ineficaz, o que fez com que sociólogos do esporte buscassem outras respostas para explicar esse fenômeno – a partir de recortes culturais, sociais, educacionais e econômicas. A complexidade do tema – como qualquer tema que envolva a violência, suas causas, implicações e conseqüências – ainda é um desafio para quem o estuda.

Não obstante os esforços de estudiosos para abordar o assunto de forma mais aprofundada e original, o número de trabalhos na academia sobre as torcidas organizadas ainda é escasso. Embora este seja um tema atual, polêmico, sempre em evidência, são poucas as áreas, além das Ciências Sociais, que vêm se interessando por esse universo, numa tentativa de compreendê-lo melhor. Não cabe aqui criticar as escolhas de quem produz o conhecimento dentro das universidades, pois estas envolvem inúmeras questões que devem ser respeitadas, mas é importante apontar que há poucos artigos, monografias e teses não só a respeito da problemática da violência, mas também sobre outros aspectos, que vão desde a composição destes grupos (quem são esses torcedores, qual sua escolaridade, faixa etária predominante etc.) até as implicações políticas, sociais e econômicas destes agrupamentos para a sociedade.

Paralelamente a esse 'déficit' de trabalhos na área acadêmica sobre as torcidas, constatou-se também, a partir de entrevistas e da leitura de reportagens, a dificuldade ou recusa de jornalistas de acompanhar a evolução dos estudos que já existem a respeito do tema. Embora esses poucos trabalhos insistam na importância de se contextualizar a temática para a sociedade, evitando dar às torcidas a pecha de criminosas ou facções, e inserindo-as num contexto histórico, social e político, são poucos os jornalistas e veículos que adotaram essa nova visão. Ao contrário de outros países, como Inglaterra e Espanha, que enfrentaram verdadeiras guerras

contra o hooliganismo, no Brasil em geral, e em Curitiba isso também pode ser notado, não há diálogo substancial entre torcida, imprensa, poder público e sociedade no sentido de buscar soluções para o problema. Nesse sentido, a ausência de matérias mais aprofundadas, trabalhadas e, principalmente, com múltiplos focos sobre as torcidas organizadas, revelou-se preocupante, partindo-se do pressuposto de que o jornalismo deve lançar a discussão sobre assuntos polêmicos que permeiam os nossos dias, dando voz a todos os envolvidos e valorizando o princípio do contradito.

Uma última constatação, que envolve não o assunto torcidas organizadas em si, mas o Jornalismo Esportivo como um todo, é a ausência de grandes reportagens nessa área. Como explicitado no capítulo sobre o tema, o JE vive um período de deserto intelectual e de pautas que deve gerar preocupação e iniciativas por parte de quem trabalha ou pretende trabalhar na área. Não há livros reportagens ou grandes reportagens sendo produzidos sobre o assunto – o último a tratar do futebol em si foi *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrinha*, de 1995, publicado por Ruy Castro, que nem vem a ser um jornalista esportivo, mas um jornalista-biógrafo. O jornalismo esportivo vem perdendo espaço para outras seções e áreas, notadamente o jornalismo político e cultural, como se pode ver pela quantidade de livros reportagens que são publicados dentro dessa seara.

Em relação ao livro e ao projeto teórico, é importante ressaltar que, ao longo da confecção dos dois, muitos acontecimentos se sucederam, e, certamente, quem chegar a lê-los haverá de perceber, no exato momento da leitura, que muita coisa terá mudado. Quando todas as entrevistas já haviam sido realizadas, e o livro se encontrava em processo de redação, houve a Batalha Campal no Estádio Couto Pereira, a conseqüente extinção dos comandos, a aprovação de uma lei municipal que obrigava o cadastro de torcedores no momento da compra do ingresso, a aprovação do projeto Torcida Legal, pelo governo federal, uma nova eleição na Império Alviverde e a volta do tema às manchetes de jornais paranaenses e brasileiros. Tais mudanças foram citadas no livro reportagem, porém, optou-se pelo foco no assunto principal deste TCC: quem são os torcedores organizados. Parte-se do princípio de que é muito importante discutir questões pontuais, mas, antes de

tudo, era também preciso traçar um perfil do objeto estudado para posteriormente avançar sobre as demais questões - o propósito deste trabalho.

As torcidas organizadas fazem parte do universo do futebol e ignorá-las, ao invés de compreendê-las e ouvi-las como uma fonte legitimada, certamente não contribui para a compreensão de um fenômeno que hoje é a principal preocupação de jornalistas, autoridades, estudiosos e profissionais do futebol – a violência. Como uma instituição que se propõe cobrir, contextualizar e incitar a discussão sobre assuntos que interessam à opinião pública, a imprensa deve conferir mais interesse e espaço a essa temática

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BELLOS, Alex. **Futebol - O Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BOSI, Caroline. DEL VECCHIO, Myrian. SANTIN, Carla. **Manual Teórico – Metodológico sobre livro-reportagem**. Curitiba: 2006.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **São Paulo Futebol Clube - A saga de um campeão**. São Paulo: Editora DBA, 1994.

BUFORD, Bill. **Entre os vândalos – A multidão e a sedução da violência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAPRARO, André Mendes. **Futebol e sentimentalismo manifesto na crônica esportiva do início do século XX**. Disponível em: <http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/70.pdf>. Acessado em 15/05/2009.

CLUBE DE REGATAS FLAMENGO. **Site Oficial**. Disponível em: [www.flamengo.com.br](http://www.flamengo.com.br)

CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE. **Site Oficial**. Disponível em: [www.atleticoparanaense.com.br](http://www.atleticoparanaense.com.br)

CODDINGTON, Anne. **One of the lads. Women Who follow football**. London. Harper Collins, 1997. In COSTA, Leda Maria da. **O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol**. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrr.br/espsoc/pdf/es405.pdf>. Acessado em 04/10/2009.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

COMUNIQUE-SE. O portal da comunicação. **João Moreira Salles fala sobre revista piauí e evita o jornalismo literário**. 16/05/2007. Disponível em: <http://www.comuniquese.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=36409&Editoria=8&Op2=1&Op3=0&pid=52548226756&fnt=fntnl>. Acessado em: 20/05/2009.

CORITIBA FOOT BALL CLUB. **Site Oficial**. Disponível em: [www.coritiba.com.br](http://www.coritiba.com.br).

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o império contaminado**. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Ed. Escrituras, 2005.

COSTA, André Lucirton. **A organização cordial – ensaio de cultura organizacional do grêmio Gaviões da Fiel**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas (RAE), volume 35, nº. 6, 1995.

COSTA, Leda Maria da. **O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol**. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es405.pdf>. Acessado em 04/10/2009.

DAMATTA, Roberto Augusto. **Universo do Futebol. Esporte e Sociedade no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

DA COSTA, Felipe Rodrigues. **Crônica esportiva brasileira – histórico, construção e cronista**. Disponível em: [http://www.proteoria.org/textos/2007\\_%20pensar\\_a\\_pratica\\_felipe\\_rodrigues\\_amar%C3%ADlio\\_antonio.pdf](http://www.proteoria.org/textos/2007_%20pensar_a_pratica_felipe_rodrigues_amar%C3%ADlio_antonio.pdf). Acessado em 14/05/2009.

DEMOCRACIA CORINTHIANA. Site do filme **Ser Campeão é detalhe – Democracia Corinthiana**. Disponível em: [www.democraciacorinthiana.com.br](http://www.democraciacorinthiana.com.br). Acessado em 01/04/2010.

FILHO, Mário Rodrigues. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2003.

FUSER, Igor. **A arte da reportagem– Vols. I e II**. São Paulo: Scritta, 1996.

GLOBO ESPORTE ONLINE. **Pesquisa aponta empate técnico entre as torcidas de Flamengo e Corinthians**. 27/04/2010. Disponível: <http://globoesporte.globo.com/Espportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1580389-9825,00-PESQUISA+APONTA+EMPATE+TECNICO+ENTRE+AS+TORCIDAS+DE+FLAMENGO+E+CORINTHIANS.html>. Acessado em: 28/04/2010

HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS. **Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning**. Porto Alegre: Scielo Brasil, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200009&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200009&script=sci_arttext&tlng=en). Acessado em 06/07/2009

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas do século XX**. Disponível em: [www.ibge.gov.br/seculoxx](http://www.ibge.gov.br/seculoxx). Acessado em 30/05/2009.

INSTITUTO GUTENBERG. Centro de Estudos da Imprensa. **Boletim nº20**. Janeiro/Fevereiro de 1998. Disponível em: <http://www.igutenberg.org/indice2.html#n20>. Acessado em 21/04/2009.

JORNAL GAZETA DO POVO. **A origem e os momentos mais marcantes do clássico Atletiba**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/conteudo.phtml?id=730758>

JORNAL O GLOBO. **Torcidas organizadas espantam o público, diz pesquisa**. 14/12/2009. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2009/12/14/torcidas-organizadas-espantam-publico-diz-pesquisa-915195531.asp>.

Acessado em 14/12/2009.

LEWIS, Jon E. **O grande livro do jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **A crônica como o gênero que introduziu o esporte no Brasil**. Disponível em:

<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/viewFile/182/189>.

Acessado em: 14/05/2009.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista – o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

ORGANIZADAS BRASIL. **O portal das torcidas organizadas**. Disponível em: [www.organizadasbrasil.com](http://www.organizadasbrasil.com).

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Brutalidade Uniformizada no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Torcidas Organizadas de Futebol**. São Paulo: Vogal Editora, 1997.

PORTAL EXAME. **Copa no Brasil vai gerar R\$ 183 bi para a economia**. 10/05/2010. Disponível em: <http://portalexame.abril.com.br/economia/noticias/copa-brasil-vai-gerar-r-183-bi-economia-558079.html>. Acessado em: 10/05/2010

PRATEANO, Vanessa Fogaça. **Entrevista com torcedores organizados para a elaboração do livro reportagem ‘Paixão Organizada’**. Curitiba, 2009.

REBINSKI JÚNIOR, Luiz. **O óbvio ululante da crônica esportiva**. Digestivo Cultural, 27/08/2008. Disponível em:

<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2607>. Acessado em 14/05/2009.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência**. Campinas. Armazém do Ipé/FAPESP, 2006.

REVISTA ÉPOCA. **Brasil lidera ranking de mortes em estádios**. 19/07/2009. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI83183-15228,00.html>. Acessado em 21/07/2009.

REVISTA VEJA. **“Eu votei em Bush”**. Entrevista com Tom Wolfe. 11/05/2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/110505/entrevista.html> Acessado em 20/04/2009.

\_\_\_\_\_. **O efeito futebol.** 5/04/2006. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/050406/p\\_082.html](http://veja.abril.com.br/050406/p_082.html). Acessado em: 05/10/2009.

RODRIGUES, Nelson. **A cabra vadia: novas confissões.** Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SCHWINDEN, Antônia. **Dez atleticanas e uma fanática.** Curitiba: Edição do Autor, 2008.

SILVEIRA, Roberto Azoubel da M. **A crônica esportiva em tempos de jornalismo participativo.** Disponível em <http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Roberto%20Azoubel%20da%20M.%20Silveira.pdf>. Acessado em 14/05/2009.

SITE DE RELACIONAMENTOS ORKUT. **Mulheres que amam futebol (MAF).** Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=435635>. Acessado em 23/04/2009.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Noticiário esportivo no Brasil: uma resenha histórica.** Disponível em: <http://www.ppgcomufpe.com.br/lamina/artigo-li.pdf>. Acessado em 15/05/2009.

SOUZA, Marcos Alves. **A “Nação em chuteiras”: raça e masculinidade no futebol brasileiro.** Disponível em: <http://www.unb.br/ics/dan/Serie207empdf.pdf>. Acessado em 04/10/2009.

STYCER, Maurício José. **Jornalismo Esportivo: 110 anos sob pressão – Uma história de acusações de sensacionalismo, suborno, invenção de notícias e relações promíscuas com fontes e anunciantes.** Intercom, 29/08/2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2356-1.pdf>. Acessado em: 15/05/2009

TALESE, Gay. **Aos olhos da multidão.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol.** São Paulo: Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. **Lógicas no Futebol.** São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

TORCIDA ORGANIZADA IMPÉRIO ALVIVERDE. **Site oficial.** Disponível em: [www.imperioalviverde.com.br](http://www.imperioalviverde.com.br)

TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS. **Site Oficial.** Disponível em: [www.osfanaticos.com.br](http://www.osfanaticos.com.br)

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2004.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. Heloísa Reis. **Estudiosa da relação futebol X violência.** 03/07/2009. Disponível em:

[http://www.universidadedofutebol.com.br/2009/07/4\\_10673\\_HELOISA+REIS+.+ESTUDIOSA+DA+RELACAO+FUTEBOL+X+VIOLENCIA.aspx](http://www.universidadedofutebol.com.br/2009/07/4_10673_HELOISA+REIS+.+ESTUDIOSA+DA+RELACAO+FUTEBOL+X+VIOLENCIA.aspx) Acessado em 24/07/2009.

UNZELTE, Celso. **O livro de ouro do futebol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

UOL ESPORTE. **Quando Drogba acabou com a guerra civil na Costa do Marfim**. 28/04/2010. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/04/28/quando-drogba-abacou-com-a-guerra-civil-na-costa-do-marfim.jhtm> Acessado em 29/04/2010.

VILAS BOAS, Sérgio. **Jornalistas-biógrafos. Uma expressão de intercâmbios**. Disponível em: <http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=f120030902160324&category=ensaios&lang=>. Acessado em 26/10/2009.